

ADEUS!

Uma tarde decaes, tarde nostalgica e serena, estavam diversos Padeiros a palestra em casa de um collega, quando algum, excoetou no piano o delicioso *Adens!* de Sidney Smith.

Calaram-se todos, e finda a musica, cada um manifestou um impressao que ella lhe havia causado.

— Pois es crevamos essas impressoes, lembrou algum.

— Aceita a idea, combinou-se uma reuniao no dia seguinte a fim de se fazer a exhibicao do que cada qual houvesse escripto sobre o thema—*Adens!*

Eis o resultado desse curioso torneo:

PRIMEIRA HYPOTHESE

*Beijou a mão da noiva, e, erguendo
O calente corcel, elle afastou-se...
O sol, no occaso, nos pozos se entufando
Derriam a uma luz pallida e doce.*

*Elle, a voz lacrymosa levantando,
«Adens!» bradou-lhe «Adens!»... Elle
cultou-se
Que a louca, os braços agitando,
Qual si do Desespero a angustia fosse.*

*Elle com os dedos atirou-lhe um beijo...
Sentiu no peito um solco ante o quejo...
Nos olhos inundaram-se de pranto.*

*Partiu de novo... E ella ficou ouvindo
Um tropel lento, lento se extinguindo...
E a noite encobria tudo no seu manto*

MOACYR JUREMA

SEGUNDA HYPOTHESE

Por uma brumosa manhã em que o arvalho cubia das tremulas folhas das arvores, elle partiu, noivo e pallido, sentindo n'alma a sensação dolorosa e doentia de quem deixa gravada na pupilla azul da creatura amada a funda recordação de uns dias felizes.

Elle n'um extase amoroso seguia-o com o olhar, como que petrificada pela saudade que lhe rasgava o coração magoado.

Pensativo seguia, ora contemplando vagamente a paisagem encantadora que se desdobrava, ora acompanhando com o olhar, distrahidamente, o vôo rapido de uma ave que cortava o espaço.

Sein consciencia de seu estado deixava o cavallo andar à vontade, sem fastigi-o com o chicote e sem mesmo esporal-o. E assim se ia afastando do lugar onde deixou um pedaço de seu ser, onde havia passado momentos de supremo gozo, esquecido do resto do mundo.

O sol abraçava e torturava com seus raios ardentes as faces dos que ousavam transpor aquellas paragens.

Sumiu-se por entre os altos montes a casa della, e não mais se ouviam os sons tristes d'aquella musica que lhe amolentava a alma, fazendo-o culhar num languido torpor, anestesiando todas as suas faculdades creadoras.

Hoje elle bendiz aquella musica saudosa, evocadora de momentos de supremo gozo.

21 de Fevereiro de 1895.

FRIVOLINO CATAVENTO.

TERCEIRA. HYPOTHESE

*Bexinia o mar potente e soberano,
e elle arreoso, tremulo, febril
disse-lhe adens... Que exorcio sobre
humano
fez pra occultar o amargo solimento!*

*Depois foi-se o navio, lento e lento
retalhindo as entranhas do oceano,
e ella a fitava inerte, sem alento,
sentia no alma com desespero insano...*

*A' proporcção que o barco se afastava
elle um adens terrissimo mandava
a dor amada, lhe agitando o leuco.*

*Enquanto ella na praia inconsciente,
alongava o olhar tristemente
na immensa curva do horizonte im-
menso...*

Curitiba, 21-II-1895

SATYRO ALLEGRETE

QUARTA HYPOTHESE

Uma tristeza como a que flutua uns tardes e nos helictropos, ao despedir-se o sol, tonamente emorocia o semblante d'elles.

A locomotiva fumarenta atirou um grito estridulo, ironico, atordoante, e partiu.

Silenciosos olharam-se; uma rapida contemplação enlaçou-os, radiosamente, em um adens amoroso e intimo, tão amoroso e tão intimo que só elles o comprehendieram.

Começou a rolar no espaço o sussurro vertiginoso, estranho do trem correado.

Na janella do carro, frazísta não tremulou, acenando, acenando...

Depois tudo desapareceu como um sonho.

Immovel, no mesmo lugar em que passou a despedida do ultimo olhar que a sua amada lhe enviou, elle, preso pela emoção, ficou a fixar o deserto caminho, por onde ella passara, deixando recordações.

N'um violino distante, estremeciam vibrando, as notas d'uma musica doente e triste, traduzindo inconscientemente toda a magoa, toda saudade que em sua alma n'aquelle momento soluçavam.

E o rumor nostalgico, fugitivo, longinquo do trem in-se sonorizando um poeirenta estrada.

— ADRIEL ASSER.

DIVERSAS HYPOTHESES

(Ao José Nave)

A agradável impressao que produz o *Adens* de Sidney Smith desperta n'alma de outros uma melancolia aprazivel, uma tristeza que não é o effeito do desgosto, uma suave emoção que enternese no mesmo tempo que delicia e enleia, um sentimento indefinido, como o que accorda o vago, o longinquo, o desconhecido, a saudade.

Em mim influe de modo differente. Esta, como toda musica sentimental, abala-me violentamente o organismo e excita-me a sensibilidade até as lagrimas.

Lembra-me, ao esmaecer da tarde, nessa meia opacidade da sombra que

vem encobrando os pinhos, o som mudo do sino da aldeia, emocionando aquelle que viu partir a noiva, e que sentado no alto, com os olhos cerrados na curva do caminho, por onde desaparecera o ultimo aceno do leuco branco, desfaz-se em pranto, que mais augmenta no grande silencio das estrellas.

Lembra-me, na hora da despedida, o abraço de adeus da mãe extranheza no filho idolatrado; cujos peitos se comprimeem n'uma angustia de morte, cujas lagrimas se confundem n'um excesso de amor; scena dolorosa em que a idea da separação suffoca a voz na garganta e altera o semblante desbotado pelo dor, e que se conclue com a desaparicao do barco na curva azul do horizonte, ficando somente a solidão das aguas, o infinito interminoso e triste, a toda melancolia da vaga e infundirem eterna saudade.

Lembra-me, na alvorça agonizante sobre o leito, a pobre mãe viuva, moça e bella ainda, que deixa na orphandade loira crescentinha, a quem na extrema agonia inda procura com o olhar turvo, amotestado, quasi apagado pelas lagrimas, e ella junto ao cadaver, n'uma inconsciencia dolorosa do subito desamparo, chamma com voz magoada: *maman! maman!* julgando talvez reviver o seio branco que lhe fora ninho e conforto em dias mais felizes.

Lembra-me o meu aniversario, passado auto-hontem pela quinquagesima quarta vez, que me trouxe pungentes recordações da infancia, de sua dalcissima quadra em que me parti com alegres companheiros a trepar a montanha da vida, cheio de illusões, de sonhos de futuro, de alicia de gloria, colheendo as flores do caminho, ouvindo as symphonias dos passaros, fruindo as esplendorosas physagens da natureza, a rir, a cantar, a sorrir, a passar dias felizes em festas, a gozar as delicias do amor, como si fora eterna a mocidade, inalteravel o vigor do corpo, e ao chegar ao topo, só, desolado, adquebrado pelo cansaço da viagem, descorrimo-se-me o lado opposto extremamente triste, sombrio, sem vegetação, sem passaros, onde em vez das alegrias reina um silencio que molesta, em vez dos gozos do amor uma tristeza no ar que enregelá, em vez da doce claridade um céu opaco, e lá em baixo, n'uma confusão indescritivel de sonhos, vasto espaço coberto de tumulas, a que sobrepaja a estatua da morte, em torno da qual esvoaçam com lugubre sussurro d'uzas negros mórchos a gemerem pios lamentos, tristonhas, doloridos como o canto do repiém.

Comovido voltei-me e ouviendo ainda desse lado os sons de dileronias musicas, os cellos de risos simultaneos, o estrepito de festas intimas, uma interminavel alegria, e por toda a parte movimento, animação, rumores, scena de gozo, e aencias apraziveis, continui primaver, corações abertos ao prizer, céu azul, luz suave, calor confortante, felicidade emfim, eu quiz retroceder; mas impossivel; uma força ignota, sobrehumana me impellia a marchar.

Estão, antes de seguir, lancei um

ultimo olhar áquellas paragens afortunadas, ninho das minhas delicias; disse adeus á minha mocidade, ás minhas aspirações, ás minhas esperanças, aos amigos que me haviam abandonado, aos encantos da vida, e com a alma em ancias, os olhos rasos de pranto, comecei a descer vagarosamente a ladeira que vaé tor ao cemitério.

ANDRÉ CARNAUHA.

Despedida

En sei q'cais partir, eu sei q'cais deixar

*A nossa pobre aldeia
E as terras onde o mar
Soluça sobre a areia.*

De teu formoso olhar cais dar a luz radiante

*A um outro lugar!..
Ah! como—velho amante—
O mar vai soluçar!..*

*Nodia da partida, os aldeões chorosos
Nas praças has de ser
E eu hei dos mais saudosos
O mais saudoso ser.*

*As pombas, o ribeiro, o calceão violetas
Ficarão a chorar
E eu sei que as borboletas
Morrerão de pesar!..*

Ah! como vai ser triste, agora, nossa vida

*E as noites sem luar,
Até que, flôr querida,
Tu tornes a voltar!.*

Minas—1894.

BENTO ERNESTO JUNIOR

O TREM DE FERRO

(AO ALMEIDA BRAGA)

I

Da pequenina palhoça no lado do leito da Estrada, quando o trem de ferro passava, altaneiro como uma aguia que fosse rastejando a superfície da terra, uma creança de oito annos, si tanto, olhava o monstro sumirse sibilando pela encosta da serra, além, até perdê-lo de vista. Então quedava-se silenciosa e triste, e logo a expansão do seu pesar e odio de coação infantil se traduzia nas duas lagrimas que lhe corriam pela face rosada e pequenina, que ella enxugava com a manga da oumisa muito alva, sagitada de leve pelo vento...

Era um odio mortal, incompreheensível n'um coração tão pequeno ainda, esse que aquella creança consagrava ao trem de ferro, que passava defronte da humilde palhoça do sua mão.

Para outra qualqner a passagem do trem seria um divertimento. Ao apito da machina, porém, as lagrimas inundavam-lhe os olhos, e, quando ella enfrentava a pobre palhoça, nada faria conter os soluços d'aquella innocente creança.

II

Dous annos antes aquelles logares

eram quasi desertos. Apenas se ouvia ali os tiros das pedreiras e o malhar das picarétas dos trabalhadores da linha.

Agora quem passasse no trem por aquellas paragens, olhando pelas portinhólas, veria um mundo de casus de palha, rodopiando como phantasmas de um lado e d'outro da Estrada.

Uma d'essas casus pertencia á mãe d'aquella creança de oito annos e de um irmãozinho menor, filhos do feitor Anselmo, sepultado não se sabia bem em que logar a 25 de Março de quasi dous annos atraz.

III

Ha dous annos tambem, mais ou menos, o serviço da linha chegara por aquellas paragens.

A turma do Anselmo é que avançava na frente. Tinham agora de romper o córte talvez mais alto de toda a linha.

Como é costume, para abreviar o serviço, tinham-se feito muitos cachumbos do ambas as ribanceiras do córte. Os trabalhadores cecejavam-n'os pelo pé, e, quando ameaçavam desabar, afastavam-se rapidamente, ouvindo de longe o fracasso do montão de terra.

E era assim que a turma do Anselmo, que avançava na frente, ia rompendo o córte talvez mais alto de toda a linha da Estrada.

Uma manhã, o feitor, que ia sempre adeante, não teve tempo de desviar-se, quando o cachumbo mais alto da ribanceira á direita ameaçou calir, e o montão de terra pegou-o em cheio e a tres homens mais que ficavam ao pé d'elle.

Estes, porém, a custo resurgiram mutilados d'aquelles escumbros e predispunham-se de novo para o trabalho, sem consciencia de que alguém tivesse sido victima n'aquella catastrophe. Quando começaram a remover todo aquelle montão de terra para o aterro que ficava perto, no descambar do alto, restos desagregados de corpo humano e a terra humida de sangue, trouxeram aos trabalhadores mais que um presentimento—a prova da morte de um companheiro. E estavam ali só onze, faltando o feitor que d'esta vez não teria ido, com corteza, como de costume, tomar café na sua palhoça defronte.

Era, sim, um morto sem sepultura, ou tende por descanso eterno do seu corpo toda aquella extensão de terra ensunguentada, por onde passava agora orgulhosa a machina de ferro.

Do morto alguns ossos apenas foram enterrados no matto, a poucos metros da Estrada, debaixo de uma latada, encimados por uma cruz, como uma illusão para a pobre viuva, que ia ali resar, ás vezes, ao toque d'Ave Maria...

IV

E eis porque aquella creança de oito annos de idade chorava quando via passar o trem e soluçava quando a machina de ferro enfrentava a sua humilde palhoça, passando activa pelo terreno, que era em verdade a sepultura rasa de seu pobre paé...

EDUARDO SABOYA.

Meus annos

*Oh! fugida irmã! Oh! Primaótra?
Quadra feliz dos meus primeiros annos!*

Quanta illusão em ti!.. Quantos enganos!

Doces santos! Flôres, musgos, heras.

*De teus seios risinhos quem me dêra
Ver beijar de novo! E aos descanhos
Que minh'alma feriram deshumanos.
Voltar a face e remontar-me ao q'era*

*Oh! minhas noites placidas, serenas,
Como eu os amoe adôro apaixonado!
Como inda sinto o cheiro das oerhenas!*

*Das trevas, murtos, o chorar calado...
Não collaria jamais, noites amenas!
Noites de Amor, oh! noites do Passado!...*

Ceará, 30 de Janeiro de 1895

X. DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

Um inocjado, por AFFONSO CELSO—
EDITOR DOMINGO MAGALHÃES—
CAPITAL FEDERAL.—1895

Este recente trabalho do fecundo e brilhante escriptor Affonso Celso é já o sabem os nossos leitores, dedicado á Padaria Espiritual, que considera esta gentileza como o mais precioso premio dos seus esforços em pró das letras cearenses.

Estariamos por isto incurso em suspeição si não se tratasse de um escriptor que já não está sujeito ás contingencias de uma condemnação possível por parte da critica sã e imparcial.

A vida litteraria de Affonso Celso tem sido até hoje uma marcha ascensional em rumo da gloria.

Aliviado das preocupações politicas, envolvido pelo ambiente vivificante do lar, elle converdeu pela estrada suave da litteratura, que sem demora se lhe juncou de flôres.

A sua pujante fantazia, ao serviço de um estylo firme e elegante, tem explorado diversos veiros das letras e em todos faz pingues colheitas de finas gemmas.

Um inocjado é de todas as suas obras a unica que tem as qualidades essenciaes de romance, visto que *Lupe* é pura e simplesmente um bello poema em prosa.

Na obra que estamos apreciando, faz Affonso Celso o estudo psychologico da *inocja*, este desgraçado sentimento que domina tão despoticamente certas organizações doentias, infernando-lhes a vida, lhéa fazendo suppor transbordante de mel a taça alheia e de fel a propria taça.

O *inocjado* nesta obra é Juquinha, rapaz bonito, elegante, filho de millionario, creado ás soltas, perdulario e estouvado; o invejoso é Antenor, pauperrimo, exquisito, taciturno, retrahido e a todo o instante mordido de surda inveja pelas brilhantes exterioridades do Juquinha, apesar das at-

tenções que este lhe dispensa o que não conseguem varrer-lhe d'alma o inconfessavel sentimento que nella se abrigou e a golpeia incessante e dolorosamente.

A incondicional inveja de Antenor pelo Juquinha não se modifica mesmo quando este se casa com sua irmã; e, embora sem implicar a amizade que chega a sentir pelo enlutado, continua a invejar-lhe a distincção, as carniçagens, a fortuna e as proprias esfroniceas de que é incapaz o seu temperamento de bysanthropo.

Este estudo da inveja forma o fundo psychologico da obra, em que se encontram tambem estados parciaes de typo profundo e verdadeiro como a velha reta Felicia, que criou o Juquinha e lhe vota uma afeição idolatra.

Este amor, que lhe substituo o materno, é o unico esteio serio da sua vida affectiva, e é para a Felicia, a *mãe-inha*, que elle volta os olhos nos angustiosos momentos da sua vida tumultuosa e desordenada.

Ha no livro paginas de uma vida intensa e palpitante como aquellas em que o autor descreve as dolorosas scenas da molestia e morte da pobre Zulmirinha, e consequentes atribulações do invejado Juquinha.

Muito interessante é a parte da obra que, incidentalmente, tracta do reconhecimentos politicos, com especialidade dos de 23 de Novembro.

Nas entrevistas que teve Juquinha com Deodoro e Floriano, debuxa o autor as physionomias dos dous marechales a traços de uma precisão photographica.

O estylo é em toda a obra uniforme:—periodos curtos, adjectivação incisiva, vocabulario rico, construcções cuidadas, conceitos vehementes em que transparece a insinuante individualidade do autor, taes são os caracteristicos da *maneira* litteraria de Affonso Celso, tanto nesta como nas demais obras que tem publicado.

Pela simplicidade e clareza da phrase, percebe-se bem que elle não pertence ao numero de escriptores, para os quaes o trabalho litterario é torturante, penoso e esfalfador; sente-se que a idéa vem-lhe ao bico da penna, sem desvios, sem sinuosidades, sem lhe deixar no cerebro a sensação dolorosa de uma desagregação forçada.

É nesta espontaneidade, nesta segurança de dominador da forma que reside a sua apreciavel fecundidade, da qual muitos bellos frutos espera ainda a litteratura brasileira, para cuja prosperidade actual tem brilhantemente concorrido.

E eis aqui desalinhavadamente o que me suggeriu a leitura do ultimo livro de Affonso Celso, a quem abraço effusivamente em nome da Padaria Espiritual.

M. J.

DOUS MENDIGOS

(AO RODOLPHO THEOPHILO)

*Um dia acompanhei um pobresinho,
(Certamente mais por curiosidade
Do que por compaixão...)
Corri todo a Cidade,
E em toda a parte ouvi: «perdoe, irmão!»*

*Foi-se o pobre; e decoras contristado
Regressi para minha habitação...
Puz-me a pensar:—que enorme identi-
dade!*

*Ha entre mim e aquelle desgraçado!
—D'elle, fugindo sempre a Caridade,
De mim, sempre fugindo um Coração!*

Ceará,—1895.

LOPEZ FILHO

A NOSSA CORRESPONDENCIA

MARANHÃO, 2 DE JANEIRO DE 1895.
Illm. Sr. Moacyr-Jurgena. Desvaneco-me sobremodo a communicação que me fazeis em circular, que recebi, de haver a Padaria Espiritual me conforido a hora de escolher-me para seu socio correspondente n'esta cidade.

Para convencer-me de que podia aceitar a distincção, ponderaes que o encargo não é dos que se dizem penozos, de onde é obvio inferir que deslizará em mar de rosas, sendo facil a qualquer desempenhal-o. Assim o compreendo tambem; mas em consciencia, para o caso de que se trata, eu creio que hade sem, enho e desempenho.

Se metivesse chegado ás mãos o *Retrospecto*, que dizeis haver remettido, talvez eu não estivesse adstricto a essa creença, porque pode ser que d'elle colhesse uma idéa de como se pode melhor desempenhar o encargo que me commettestes.

Espero de vossa bondade que me enviareis outro exemplar do *Retrospecto*, e que direis de mim a Padaria Espiritual que terá em seu escolhido nesta cidade um representante que sente a responsabilidade do mandato e se esforçará por corresponder à sua confiança; tanto é a sympathia que me inspira esse nucleo de rapazes que ouzani affrontar a chatice do burguesisimo contemporaneo, procurando o aperfeicoamento do espirito que alenta e vivifica n'uma diffusão de força, de vida e de luz. Saúdo-vos, «O poi che notte l'intelletto d'amore. J. F. GROMWELL. —

BELEM, 5 DE NOVEMBRO DE 1894.
Estimados amigos.—Penhorou-me a vossa distincção, escolhendo-me para representante, em Belem, da *Padaria Espiritual*, na qualidade de socio correspondente. Envidarei todos os esforços possiveis para corresponder à escolha da *Padaria Espiritual*, tendo em vista a divisa vossa—*amor e trabalho.*—Sou, creado, obrigado.
RAUL DE AZEVEDO.

TARANDUA' (MINAS) 18 DE NOVEMBRO DE 1894. *Illustrado* confide Moacyr

Jurgema. Quoro merecer de sua bondade o especialismo obsequio de agradecer por mim aos illustres padeiros d'esse forno abençoado a immo-recida consideração que dispensaram gentilmente ao humilde irmão em letras, a honra de socio correspondente.

De ha muito meu espirito tem voltado suas sympathias para esse operoso grupo de rapazes que, no extremo norte tanto honra a litteratura patria.

Offerecem-me agora accessão de entrar em relações com a brilhante plei d'.

Agradeço-lhes tão grande favor e rogo-lhes dignem-se enviar-me alguns pães, que anheio vivo por devorá-los. Já os procurarei em diversas conferiarias, sem ter podido encontrá-los.

«Amor e Trabalho.» BENTO ERNESTO JUNIOR.

Contrastes

(LENDO UNS VERSOS DE A. SALLEN)

*Enquanto eu lendo aquelles versos,
Que fallavam de lagrimas e prantos,
Vinham-me pensamentos bem dizeiros
E eu disfarçava o riso. No entretanto,*

*Ao passo que a leitura proseguia,
Sonora corda no meu ser vibrava,
E na ultima estrophe da poesia
Tu fallavas em risos, e eu... chorava.*

BRUNO JACY.

RECADOS

O assombroso noticiaria *Chamber Son* diz que mais uma vez ha de chamar à *Revista Illustrada*—*«immensa, ultra-pyramidal, gigantesca.»*

Que bella adjectivação!

Os Srs. Pery & Coelho não estarão precisando de um secretario?

A proposito de R. B. G. S., poeta que publica diariamente na *Tribuna do Povo* d'A *Republica* uma embricada de sonetos, enviou-me o meu collega Anatolio o seguinte espirituoso soneto:

MAIS UM

*Mais um poeta:—o R. B. G. S.,
Que appareceu depois do Carnaval,
Tangendo a lyra de manriça tal,
Que, quem o lêr, de certo se enstardede.*

*E' fogoso o poeta, e é marrial
O modo com que fala, pois parece
Trazer em rimas variada messe
De mil conceitos, e etc. e tal....*

*Fala do amor, do céu, do ar, dos mares,
Dos seus achagues, de intimos pezares,
Numa auto-biographia não e publica.*

*Si o bardo não se cobre de laureia
E' optimo freguez para «A Republica»,
Pois deixa por soneto 2\$000*

Em um conto publicado ha dias, narra o Sr. Carlos Severo a formação de Eva.

Enumerando as prendas com que Deus, para desgraça nossa, mimoseou a mulher, diz que elle lhe deu o *passo ryg Amado das hebréas*, donde se deprehende que antes de haver mulher já havia hebréas.

Entrego ao julgamento dos competentes esta profunda revelação historica.

M.

O sereno

AO SABINO BAPTISTA

O dia 15, marcado para o casamento da Esther, filha do Coronel Salomão era [chegado, e logo pela manhã toda a gente fallava n'esse acontecimento extraordinario.

—É' festão, diziam todos; a cáuda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contractada por um conto de réis!!!

A Totonia, Marica, e Joaninha, filhas de Valdevino, andavam pela vizinhança fazendo alarde, e a cada pessoa que passava perto ou longe de sua casa ellas com a gritaria do costume, perguntavam ao mesmo tempo e apinhadas sobre uma mesma janella:

—Vai ao sereno do casamento da Esther? Está uma mina!

—Só a cáuda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contractada por um conto de réis!...

—Hoje sae cina!...

Já eram duas horas, e as filhas do Valdevino estavam ansiosas pelo sereno, e soffregas por saberem em que igreja se realisaria o casamento.

A's quatro horas da tarde, depois de muito perguntarem aos transeuntes, puderam receber informações de um moço, o qual dizia que o civil já havia realisado ao meio dia, e a cerimonia religiosa era na Sé, ás nove horas da noite.

Esta nova em breve espalhou-se pela vizinhança e mais tarde portoda a parte.

—Ora, dizia uma d'ellas, o civil já se realisou, mas não estão casados, falta ainda o catholico; eu cá, emquanto não levar agua benta, não me julgo casada.

Isto era dito pela mais velha, uma mulher-canhão, desdentada, feia, cuja incompatibilidade para o casamento era quasi certa.

Logo ás 6 horas da tarde o povo surgia de todas as esquinas, a igreja começava a encher-se.

Mulheres, homens, crianças, tudo vinha ver a cáuda de quatro metros.

As filhas do Valdevino foram as primeiras a chegar. Vinham alegres, risonhas, fallando com uma pessoa, com outra, dizendo a todas as moças conhecidas, com uma voz affiantada:

—Como vai, meu bem? como vai, minha néga?

E riam-se, riam-se de alegria...

A's sete e meia houve o casamento

de um soldado de policia com uma engromadeira.

E a igreja a encher-se...

O relógio da Sé annunciava 8, 9, 10 horas, e o casamento da Esther rad!

—Isto não pode ser, gritava o sachristão; saia meu povo, que eu quero fechar a igreja.

—Que fechar igreja, responderam as filhas do Valdevino, e o casamento da filha do Coronel Salomão?...

—Qual casamento, qual nada! respondeu o sachristão, já se realisou hoje na missa das dez horas.

As filhas de Valdevino gritaram, empurraram, fallaram, ficaram verdes, amarellas, de todas as cores e sahiram da igreja a chamar toda a gente sem educação, canalha, povo sem brio, etc.

E os serenistas não lograram ver os molves que... já dormiam pacificamente.

Março—95.

GIL NAVATRA

RECORDAÇÕES

Sonhei sonhos de luz, de ethéreas cores...

Sonhos azues... uns sonhos idéas! Sonhos que se crestaram aos ardores De gozos, gozos que não voltam mais

Que vezes adorei as rubras flôres, Vivas aos beijos puros matinaes... E eu ao seu lado, a eda, quantos amores...

Quantos idyllios, quantos, nos romars!

Do doce e puro affecção ambos unidos, N'essa florea manhã de adolescencia, Um junto ao outro pelo amor unidos

Sorrimos... Mas depois fatal ausepeia Nos afastou... Embora! embecidos Inda vivemos dessa doce essencia!

FRANCO DO VALLE.

Heliotropia

Manchado de nuvens escuras, prenhes d'agua, o céu quedou numa paz sombria. Nem vent, nem aves, nem clarões de sol. Unicamente o espaço, numa intermina paz, num infinito arquetamento de cupula luctuosa. Pelas arvores havia um verde tenro e um brilho vivo de gottas que cahia n.

Olhando a quietude do ar, ella sentia qualquercousa que não era dor e nem tambem saudade. Uma especie de melancholia suave, de mysticismo doce, que só em frente os altares ella sentia. Nos seus olhos, cõr de esperança, voltados para o céu, havia o mesmo brilho vivo de gattas cahidas dos arvoredos. Na sua alma em flôr, azul, mas de um azul ternissimo e vago, ia-se desdebrando lentamente um véo da cõr de um crepusculo arrastando-se pelos roscos a fóra.

Assim, nessa morbidez quieta, sus-tendo a respiração a espacos, para me-

thor haurir um brando perfume que ella até então não conhecera, continuava de olhos voltados para o céu, que agora agora ia clareando aos poucos porque as nuvens se afastavam umas após outras num cortejo lugubre e silencioso.

O vento voltava e com elle o sol. E ella, affagada na meia luz que bruxoleiava, foi experimentando uma commo renascença de todo o seu ser para a qual a alegria voltava mais canora, mais cantante e mais primaveril.

E esflorando um riso, comprehendeu então o que a mortificava: era a falta do sol, o seu grande amigo e amigo das flôres, que quando ausente, deixa n'alma esse doce mysticismo que ella só sentia á vacillante luz das velas, dos altares.

ROBERTO DE ALENCAR.

11-3-95

CARTEIRA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Terminando com o presente n.º o primeiro trimestre da publicação d' «O Pão», pedimos aos nossos amáveis assignantes do interior e dos Estados o inestimavel obsequio de mandarem, sem perda de tempo, reformar suas assignaturas, a fim de não lhes ser interrompida a remessa desta folha.

Chamamos para este assumpto a attenção dos nossos estimaveis correspondentes.

ANTONIO DE CASTRO

Do Aracaty, por onde andou se refazendo e afinando a lyra, chegou ha dias este nosso presado confrade.

O Antonio de Castro veio barbado e gordo, encardinado numa rija musculatura de sertanejo. Para o proximo numero prometeu-nos elle alguns versos feitos á sombra das copadas carnaubeiras do Jaguaribe.

Esparem, pois, os leitores.

EUTHYCHIO GALVÃO

Fez-nos suas despedidas, ao seguir para a Capital Federal, este distincção official que é tambem um inspirado poeta.

Bom viagem e boa fortuna em seus estudos lhe desejamos.

FIUSA DE PONTES

O esperançoso poeta Fiusa de Pontes, seguindo para o Aracaty, onde foi em visita a sua Exm.ª familia, teve a gentileza de nos enviar o seu cartão de despedida.

Que os áres do torrão natal e os carinhos da casa paterna lhe sejam propícios e lhe fecundem a imaginação de sonhador.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE
A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Únicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões dilucis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite e tosse, e tosses rebeldes, escarros de sanguisica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORE FODE CALCIO E EXTRACIO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito eficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICÁ. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80--Rua do Major Facundo 80, Ceará.

Aguilar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em saudar a sua *amavel frequencia*, fazendo votos para que o corrente anno lhe seja todo de venturas.

E outro sim: cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos. procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69, RUA MAJOR FACUNDO, 6

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO.

Manoel Pereira dos Santos.

108 B --Rua Formosa-- 108 B

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, **brilliantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lanternaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). **Objectos** para presentes: o mais chic e variado **sortimento** que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & Co

70 DO MAJOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44
31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C^ª

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas à cozinha, ou qualquer aposento; se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candleiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objetos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61--- Rua do Major Facundo---59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente»

Este estorio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

42— Rua do Major Facundo—52.

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA IGLEZ

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febrii é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem.

Xarope pectoral de angico composto—Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite, asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRA N.º 6.

Phoenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, Rua Major Facundo, 54.

A'S NOVIDADES

Reabriu-se á concurrencia este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C^ª.

56--Rua Major Facundo--56

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 44.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—S. JOÃO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1. de Abril de 1895.

NUM. 13

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixa-mos de aceitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um trimestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao ~~seu~~ gerente, e não do Major Facundo n. 4.

SUMARIO.—Os quinze dias, Moneyr Juromá;—Troças, Lopes Filho;—Criminologia e direito, Clovis Bevilacqua;—Ritorno, Miguel Barros;—A Folha do Parreira, André Carnahuba;—Bandas de retray, P.º Corrêa d'Almeida;—Tor:drado, Livio Barreto;—Um grande innocento, J.;—Condições e Contradições, José Carvalho;—Chronos, X. de Castro;—Bibliographia, M. J. e Anatollo Galval;—A Ella, Antonio de Castro;—Recados, M.—Peadão auri-erde, Leopoldo Bridgido;—Carteira.

Os quinze dias

Que Deus nos perdõe, mas o inverno nesta quinzena esteve um boceadinho caótico.

Meio-motco d'agua nem mez já dá para aguar o prazer que temos de escapar a uma secca com que nos andava a ameaçar este bonito e traçoziro cdo que nos cobre.

O chronista, que, pela sua esguita verticalidade e pelas suas plumbeas qualidades de posalmo-undador, nada tem de esse contemplo-atorrorizado de sua janella os grandes lagos que a chuva forma pelas ruas, lagos espaciaes de ~~ambrosia~~ não somente a compacia ~~pluvial~~ de ~~facces~~ como tambem a propria ~~abdicão~~ da municipalidade.

Casas existem de cujas janellas já se pode pescar a ganna e mesmo a linha, pois já deve haver por esses charcos alentados peixes que a maré tenha impellido riacho do Pajêhú acima.

E por falar em peixe o como hoje é 1.º de Abril é boim que os nossos leitores se ponham em guarda contra as tradicionais patranhas que costumam apparecer hoje e a que os francezes chamam *poisses de Abril* (*poissons d'Abril*) ou *patos de Abril* (*canards d'Abril*.)

Peixes ou patos, tudo é cousa que anda n'agua, e agua em Abril é cousa que não falta.

Pela nossa parte fiquem descansados, que não temos péta nenhuma a lhes pregar.

A nossa pobreza de imaginação para inventar carrapetões que nos façam rir á custa do proximo, nos obriga a não partilharmos dessa especie de carnaval do espirito em que tanta gozto se distingue.

Assim, fica consignado que não tomaremos parte no tirocio de mentiras que hoje se trava entre os amantes do genero e que contemplaremos de longe, de muito longe, da mesma remota distancia que ha entre a nossa casa e o actual edificio do Correio

Vencendo a pé essa enorme distancia, exaustos e suarentos, trouxe-nos hoje o estropado carteiro uma missiva cujo conteúdo nos impressionou sobremodo.

Soria gozismo nosso guardarmos só para nós as extranhas revelações que contem essa carta, a qual deixamos de publicar integralmente para não tomarmos muito espaço.

A carta é datada de uma localidade sita a poucos kilometros desta capital e firmada por G. A. L., iniciaes de um moço muito conhecido de quem escreve estas linhas.

Eis, como G. A. L. narra o facto:—Tendo ido hontem á capital a negocios, almocei numa casa de pas'o (ou de *repasta*, porque *pas'to* é pra' liechos) muito conhecida, numa meza proxima a outra em que almoçava um jovem escriptor cujo nome não posso designar nom pelas iniciaes porque seria dal-o a conhecer.

Pouco depois houve entre elle e o dono da casa um dialogo que aqui vai

—E se não posso perceber a algumas palavras por falarem muito baixo.

Eia o que ouvi:

—Então, já veio á luz?

—Já. Vem o embrulho ahi. Reconda bem.

—Posso matar?

—Mate. Quanto no mais, só com a presença dos outros. A' noite viemos aqui.

—Quintos são?

—Vinte e cinco.

—Quando se apresenta a creança?

—Só quando eu lhe fizer signal. Não se esqueça do gelo.

—E' melhor no solço, porque ninguém vai lá. Mas não façam barulho que ha familias na vizinhança.

—Que nome tem?

—(Não entendi o nome pronunciado pelo interlocutor do dono da casa.)

—E' preciso arranjar flores.

—Já mandei encomendar.

A' noite trago-lhe os cartões com os nomes.

—Fiz o do delegado?

(Não percebi a resposta.)

Neste ponto entrou pela sala um trabalhador da rua tendo na cabeça um caixão estreito e comprido, e o moço disse para o dono do hotel:

—Guarde debaixo de chave e não consinta que ninguém entre no salão.

O dono do hotel entrou para os fundos da casa acompanhado pelo moço e pelo trabalhador que conduzia o caixão.

Engoli ás pressas o resto do almoço e intrigadissimo afastei-me do tal botel onde não pretendo pôr mais os pés.

Sem base para uma denuncia, peço-lhe que me aconselhe a resolução que devo tomar a respeito de este mysterioso faciente que parece envolver algum desses dramas cujo acto final se leatbra na sala do tribunal do Jury.

Respondi a G. A. L. que nada tinha a lhe aconselhar, podendo entretanto dar publicidade a sua carta affirm de ver que conjecturas desportaria e qual seria a attitudo da policia.

E' o que faço: e quem quizer que procure a ~~fin~~ da ~~menda~~, pois tenho muito mais que fazer.

Já não é pouco o trabalho que tenho tido em escovar meu fato de cerimonia tão semcerimoniosamente lá:

vadido pelo mófo, que estraga uma fatiota com a mesma facilidade com que arranja um cacophaton desses de arripiar cabellos e estrompar ouvidos pudibundos.

Tem-me dado um trabalho expurgar a minha sodéga da lepra do mófo e pô-la em estado de fazer boa figura no regabofe com que a Padaria festeja o apparecimento das *Trocas do Norte*, do meu bom amigo Antonio Salles.

Comprehendem, que, tractando-se de um livro do Salles, eu faltaria ao mais sagrado de todos os deveres si não fosse em momento tão solemne erguer... um dos 25 talhares que conta o jantar em cujo preparo o Mané Côco tem desenvolvido todo o seu talento culinário e toda a sua erudição junqueireana.

O momento é decisivo, e os amigos conhecem-se é nas occasiões.

Não faltarei, portanto.

MOACYR JUREMA.

Criminologia e direito

A criminologia, em sua feição puramente naturalistica, pretende desagregar da sciencia do direito o estudo do criminoso e do crime, da imputabilidade e da reacção social que se traduz em penalidade. Ao direito restará somente o ponto de vista pratico da applicação e da interpretação da lei. As altas indagações sociologicas em relação ao phenomeno do crime, o exame do criminoso como individuo biologico de feição propria não cabem na esphera dos estudos juridicos e, portanto, deve o legista, como se diz em linguagem de menos-prezo, é esperar que a solução das questões criminologicas lhe sejam obsequiosamente offerecidas, sem que elle tome intervenção alguma, por aquelles a quem foi dada a graça especial de penetrar nas mysteriosas regiões sagradas das sciencias naturaes, si é que um tal adjectivo ainda pode ser empregado sem pleonasmos.

Eu comprehenderia que essa interdicção fosse atirada sobre o direito em nome da sciencia, como um concitamento para que elle sacudisse de cima dos hombros a velha toga preta que envergára ao tempo da cultura romana e que já andava desbotada e poida, a fazer um doloroso contraste com as vestes novas e brilhantes das sciencias em floração neste século. Mas essa epocha não é mais a nossa, e desconhece a sciencia do direito quem suppuzer que na sua biblia ainda é actualmente o *Corpus Juris*, aliás um thesouro opulentissimo de experiencia e saber, aliás um preciosissimo documento para o conhecimento da consciencia ethico-juridica de uma epocha. Hoje o direito, si ainda não pode gabar-se de ter consummado a transformação scientifica que iniciou, incontestavelmente já se apresenta sob um aspecto differente e não mais vem manquejando como caudatario remisso no sequito magestoso das sciencias.

Eu comprehenderia essa interdicção; mas, ainda assim, manteria a convicção de que nenhuma outra sciencia conseguiria dar uma idéa completa do crime, e, consequentemente, nenhuma conseguiria explicar cabalmente o criminoso que é o agente productor d'aquelle phenomeno. Melhor do que qualquer outra sciencia, veria a physiologia uma face do assumpto; uma outra illuminaria a psychologia com recursos que somente em seu dominio encontrar-se-tam; a ethnologia, a anthropologia, a linguistica, a sociologia veriam dos seus pontos de vista especies, e o phenomeno se acharia envolvido por um círculo cerrado de factos luminosos, mas ainda faltaria alguma coisa para bem o comprehendermos e, visivelmente, o fim pratico que determinou a necessidade das indagações sobre a origem, a natureza, as formas e o alcance do phenomeno criminologico, se não desanublaria.

Será preciso que, depois de todas essas sciencias, e aproveitando certamente os dados por ella fornecidos, fale ainda o direito. Somente elle poderá effectuar a convergencia dos pontos de vista, somente elle poderá dar um remate e o acabamento natural aos processos de indução iniciados por outras quaisquer disciplinas em relação ao crime, porque é esse um phenomeno da ordem sociologica e da especie juridica, muito embora suas raizes se prolonguem e penetrem nos dominios distantes da psychologia e da biologia, muito embora outras disciplinas reclamem a competencia para o esclarecimento de suas condições primarias.

Não é uma disputa vã essa, e semelhante á querela fatua do trago e do gnomo nos *Opusculos e pensamentos* de Leopardi. Os lezardos e os mosquitos suppõem, como o homem e dispondo dos mesinos titulos, ali se diz, que o mundo foi feito para o seu uso exclusivo. Cada sciencia, ou, melhor, cada escriptor que se apaixona por um ramo do conhecimento humano, imagina que domina, do ponto onde a ella, a totalidade do mundo ou do universo; pelo menos acredita que a porção de phenomenos que estuda é a mais nobre, e que as leis que encontra em a nesga da natureza sob seus olhos são as melhor verificadas.

Não se veja, no que affirmo, uma pretensão desse genero, inoffensiva e ingenua, mas absolutamente insustentavel. Aceitemos, os juristas, todas as informações, quaesquer que sejam as suas fontes, contanto que sejam sinceras e provadas, peçamos documentos a todos os systemas, a todos os methodos empregados para dissecar, explanar e classificar o crime e o criminoso; mas, neste conflicto de jurisdição, não cedamos uma linha, porque iriamos assim amputar uma das mais bellas porções da jurisprudencia.

E nem é somente no estudar o crime e o criminoso que o direito pede auxilio a outros dominios da sciencia. As diversas disciplinas em que o saber humano se divide formam um consenso entretecido por interdependencias perfeitamente assignalaveis.

Cada qual recebe de outras elementos de vida e sobre ellas tambem os transfunde.

Seja-me permittido concluir com uma exemplificação a serie de considerações que estou fazendo. A economia politica se occupa com a produção e circulação das riquezas na sociedade. O commercio, sendo um dos meios de effectuar a circulação, porque elle é a força que approxima o productor do consumidor, cae sob o dominio da economia politica. E é justamente ella que nos deve assignalar sua natureza, suas funções, determinar seu desenvolvimento e suas crises. E as relações que engendra o commercio devem ser apreciadas a través do criterio da economia politica.

Si olharmos para a litteratura commercialista de nossos dias, verificaremos, ao primeiro golpe de vista, que não ha jurista de valor que penetre no campo do direito commercial, sem previamente saturar-se dos principios fundamentaes d'aquelle sciencia. Mas o que concluir d'ahi? Que o jurista não deve aprofundar-se no conhecimento desse phenomeno sociologico, que todo elle deve conservar-se encastado na sciencia economica? Grosso modo seria o de semelhante conclusão. O que cumpre inferir dessa transformação de idéas é que novos horizontes se abriram á sciencia do direito, neste como em outros departamentos.

Recife—1895.

CLOVIS BEVILAQUA.

Ritorno

*Passarão vojo-os como se coltassem,
Esses de outr'ora dias que passaram,
Mas tão fujaces passam q' julgaram
Meos olhos q' realmente não passassem*

*Com elles tudo colta e tudo occulta
Um sorriso, uma lagrima, um mysterio,
Porque n'ellesse vojo um cemiterio
Onde muita illusão ficou sepulta.*

*Vojo-os passar trazendo-me á lembrança
Cantos q' outr'ora moduli sorrindo,
Quando-creança-da existencia abrin-do
Fui essa estrada onde brinquei creança...*

*Depois a lucta que tracei renhida,
As adagas da Fé quasi em pedaços
E da Creança os broqueis rotos nos braços*

Nos olhos braços da una cruz partida.

*Ed'esses triumphos q' já foram nossos,
D'esses q' eu sonho, como se os sonhasse*

*Nada restara, se inda não restasse
Tu q' inda restas sobre os seus destroços!*

Recife.

MIGUEL BARROS

A FOLHA DE PARREIRA

A ANTONIO SALLES

Era num domingo.

A luz branca e suave da manhã, vi-
via pouco e pouco inundando a ter-
ra e o mar.

Fresca aragem remexia de manso
nas folhas das arvores do Passado, em
cuja sombra os passaralhas modula-
vam notas alegres.

Manhã esplendida!

Por toda a parte ar fresco e fra-
grancia de flores, grão sussurro e
céo azul sem nuvens, alegria geral e
lá em baixo o mar verde e tranqüillo
a se espreguiçar em moles costas de
alvissima areia!

O astro-rei erguia-se por cima do
quartel do II Batalhão, doando todo
com sua luz forte, quente e vivifi-
cante, ao mesmo tem o que do Hos-
pital de Caridade partiam suas agra-
dáveis de vozes feminis, cedendo
uma musica deliciosa.

O Passeio estava deserto.

Pelas 7 horas, D. Leonora correa-
mente vestida de preto, liza e bella,
ainda no fulgor da mocidade, entrou
pelo portão do lado da rua Formosa,
conduzindo pela mão um menino de
tres a quatro annos de idade.

Atravessou parte da avenida More-
rô, e foi sentar-se num banco da es-
querda, proximo do tanque em frente
à rua do major Facundo.

A criança começou a passear, a
brincar, a correr, a rir-se e as rirul-
tas dos peixinhos do tanque, a con-
templar as flores dos alveteiros, que
estavam a disputar-lhe o despojo de
colhelas, a ver tudo, a observar tudo
n'uma actividade surpreendente.

Tinha as faces vermelhas pelo effe-
ito da agitação, e gotas de suor cor-
riam-lhe da testa de uma altura de
neve.

A mãe acompanhava-o com a vista
e deliciava-se assistindo aquelle acti-
vissimo exercicio, que lhe trazia for-
ça e saúde.

Subito, a criança parou em frente
a estatua do Gildadur.

Fitou-a vivamente, observando as
feições contrahidas do rosto, a irra-
bilidade dos musculos das brancas e
do tronco, a posição derreada, amea-
çadora, feroz, e ao dar com os olhos
na folha de parreira, tirou firme, sur-
preso e immovel um instante, e como
mergulhado num pensamento que o
absorvia profundamente, volta-se e
vae com passo vagaroso sempre a
meditar até onde estava a sua boa
manan.

D. Leonora notara uma certa alte-
ração no seu rosto.

Chegando-se a ella, que o recebia
n'um afago, poisou as mãosinhas nos
seus olhos, e com os olhos cravados
nos olhos della, diz em tom de admi-
ração: manan, tambem esse folha
de manan na pimbinha do genio?

D. Leonora, rindo decorente, hei-
jou-o, comprimido-o ao peito e res-
pondeu que não...

ANDRÉ CARVALHO

Bandas de retroz

*Os guardas nacionaes são todos de patentes,
conforme se deduz da pilha dos despachos;
há immensos coronéis, além dos postos baixos
de alferes, capitães, majores e tenentes.*

*Nas guerras, quando as haja ou estejam imminentes,
tentamos de admirar cocares ou pennachos
amarellos galões, as dragonas de caixos,
e os ricos trancelins que tu, sirqueiro, inventes.*

*Officiaes a fluz observe e, nease caso
ou seja como for, não ha soldado vazo
nos cícicos quartéis ou cícicas fileiras.*

*E o simples cidadão não tem de vestir farda
afim de defender a tiros de espingarda
a honra dos gentis donzellas brazileiras.*

Minas Gerais—Barbacena—Fevereiro—1895.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA

TORTURADO

A ANTONIO HORACIO

*Porque has de vir assim com teu sorriso calmo,
E a tua voz maciosa, e o teu olhar radiante,
De minh'alma sondar o fundo abysmo hiante
Como quem sonda um mau terreno palmo a palmo?*

*Ha clangor de blasphemia e de curas de psalmo
Em torno; e em cima o vento hysterico e possante
Da Dancida cruel com seu sopro gigante
Ruge, quando em teu rosto o meu olhar espalmo.*

*Recto si sorris; si choras me aproximo;
E, como um rio, então, abro o meu seio: o limo
Dorme quieto no fundo: é o repouso da Dor...*

*Suffoca o teu querer, preme ao seio a paixão...
Não chega a saciar meu doído coração
A magoa d'esse affecto, a angustia d'esse amor!*

Camocim—1895.

LIVIO BARRETO

Um grande invento

Um americano de Philadelphia, que
é ao mesmo tempo grande industrial e
homem de letras, acaba de realisar, se-
gundo afirma o *Pennsylvanian Letter
and Arts Magazine*, um dos inventos
mais prodigiosos deste seculo.

Trata-se de uma machina de fazer
versos, ou antes, de compor poesias.
Parece que devia ser um *machinismo*
esse extremamente complexo; pois ao
contrario disso afirma a respeitavel
revista que é da maior simplicidade.
Pequenas laminas de metal, onde estão
gravados por um processo modernis-
simo e rapido não todos os vocabulos da
lingua, mas somente aquelles que são
dignos de figurar na linguagem das
Musas, e cuidadosamente graduadas ex-
tão dispostas em caixetas como as dos
typas, porem fechadas. Escolhidas as
rimas, para o que tem a machina um
mostrador especial, e graduado por um
pequeno botão o numero de syllabas
que deve conter cada verso, toca-se

numa pequena manivella e as palavras
vão cahindo em um receptaculo e for-
mando assim quadras, sextilhas, oita-
vas, sonetos, etc.

Para as escolas genuinamente ne-
phelibatas ha aparelhos especiaes sem
botão regulador do numero de syllabas.

A propriedade do invento foi adqui-
rida mediante a somma de 30.000 dol-
lars pela *Boston Sonnetting corpora-
tion limited*, que já está montando
uma fabrica em *John-Staunton City*,
perto de Albersmale.

Numerosas experiencias têm sido
feitas com as novas machinas em 4
linguas: inglez, hespanhol, francez e
italiano. Os nephelibatas, decadistas,
symbolistas, rosacruzes, etc. estão en-
thusiasmadissimos. Têm sabido da ma-
china poesias que ninguem duvidaria
serem de Verlaine, Mallarmé, Moréas,
ou Walt-Wittmann.

Fortaleza—1895.

J.

Condições e contradicções

É bem feliz o Antunes com sua querida esposa, D. Hortencia; a sua felicidade de um casal consiste somente em viverem ambos de commun accordo e esforçando-se no desempenho da grandiosa missão de—crescer e multiplicar—imposta pelo Eterno ao genero humano em sua inil e irreparavel queda.

Amam-se mutuamente; e os vizinhos e a sociedade teriam que ver ali a verdadeira e doce paz do lar, teriam que aprender o edificante e salutar exemplo da boa educação da familia, si um *desequilíbrio* não se oppozesse a isto como uma verdadeira lei de contraste.

O Antunes teve uma mocidade agitada e cheia de peripetias para um rapaz do sertão; quasi criança ainda, deixou a casa de seu pae, um rico fazendeiro, e lá se foi pelo mundo afóra em busca de um futuro rompedivel com o seu genio entusiasta e ardente; e, si durante todo o tempo de tão longa ausencia não o conseguiu e nem firmou sua posição social, tambem não foi de todo inutil—defendeu a patria e adquiriu um certo *alviantamento* de espirito—que o fez sobre-sahir de todos da familia quando voltou ao centro de sua provincia.

Tornou-se, pois, muito conhecido o Antunes em sua aldeia, pelas estroinices de soldado e pelas idéas adiantadas; fez muitas bravatas, e, em breve, stirou fóra toda a fortuna que lhe coube por morte do velho fazendeiro, seu pae.

Apesar de ser um rapaz adiantado não trepidou em apaixonar-se pela Hortencia, uma rapariga bonita, mas crassamente ignorante, presumptuosa e cheia de preconceitos e de *prejuizos* de familia.

Casaram-se. E a lua de mel passou com a dissouancia que ha entre um espirito fogoso e ardente e uma alma indifferente e fria, onde em lugar do fogo abrasador da paixão e do amor ardiam somente os instinetos da materia em toda sua inconsciencia animal.

Ao primeiro desacordo que houve entre o novo par, deu-se o mesmo phenomeno que se dá ao contacto do fogo e da polvora — foi um incendio, um fracasso! Injurias, improperios, diffamações, honra de familia de parte a parte, calumnias e maldições, nada ficou que não voasse como verdadeiras lavas da cratera destes dois vulcões que ameaçavam-se destruir-se mutuamente.

E assim se passaram muitos annos, reproduzindo-se todos os dias as mesmas scenas, os mesmos desacertos.

Hoje, estão muito diferentes da que foram; o tempo tudo modifica, e o psychologista que estudasse este phenomeno descobriria nestas duas creaturas as provas inconcussas da assimilação dos espiritos. D. Hortencia aprendeu com o Antunes alguma cousa de seu espirito cheio de phantasia, amoroso e ardente e lhe deu em retribuição muito de sua alma indifferente e fria, cheia de preconceitos, de *prejuizos* e de orgulho.

O Antunes está *domado* pelos mesmos attractivos que elle proprio teve

para legar a sua mulher; e, por isso são felizes; si a felicidade de um casal consiste somente em viverem ambos de commun accordo e no desempenho da grandiosa missão de—crescer e multiplicar.

D. Hortencia, para o resto da humanidade, nada perdeu de suas qualidades primitivas; é a mesma sempre; intrigante e orgulhosa.

É in mesmo como ella propria diz: de raça!

Suas amizades não duram o tempo de outra qualquer, por passageira que seja; e quando o Antunes desocupa-se de seus labores de empregado publico, ella conta-lhe o *a b c* de sua nova desavença; elle se enfurece e lá ferve o borbortinho de descomposturas contra o vizinho ou a familia que infelizmente e sem motivo algum cahiu na intimidade de D. Hortencia.

Elle incumbe ao Antunes o dever de, nos salões, nas rodas, pela rua, por toda parte emfim onde andar, *cortar a pelle* da pobre familia com quem se intriga, ao que elle obedece religiosamente e executa com uma pericia admiravel.

São, bem felizes, o Antunes e sua querida esposa; vivem de commun accordo:

O mesmo não se dá alli, onde se devia ver reunida toda a felicidade da vida.

A poucos kilometros da cidade ou da casa do Antunes, perto da estrada, esta a pobre choça no meio de um roçado aberto pelo vigoroso braço do Manoel.

Maria, a esposa do Manoel, ignorante tambem como D. Hortencia, dá todos os dias o mais bello e o mais sublime exemplo do amor conjugal.

É muito de admirar como o Manoel, um caboclo material e estúpido tenha vivido alguns annos junto a sua mulher; e o psychologista que observasse o phenomeno do Antunes, aqui se acharia deante de outro principio e convencido de que—o amor da mulher pôde domar as proprias feras.

O marido, sem noção alguma do amor e do bem, dá a pobre da esposa uma vida de verdadeiro martyrino. Pretexa um motivo qualquer e sem dar ouvido a razão alguma, lança mão de um azorrague que conserva para este fim e bate-lhe estúpida e impiedosamente, eobre-a dos mais tristes improperios e depois toma a rede, ata-a a tira-collo e segue estrada a fóra, protestando nunca mais voltar ali. Ella, cotada! tremula, convulsa e mal segura ainda, corre chamando-o e pedindo a quem passa, que não deixe fugir a luz de seus olhos, seu amor e sua vida.

Volta o Manoel; e naquelle dia o amor e a humildade enternecem-o de algum modo e elle toma a enxada e vai trabalhar para o sustento dos filhos.

Eis porque ali, perto da estrada, a poucos kilometros da casa do Antunes, está a pobre choça no meio de um roçado aberto pelo vigoroso braço do Manoel, e onde não se vê revivida toda a felicidade da vida.

Ha muitos annos que são casados, mas o espirito inculto e rude do ca-

boclo ainda não se pode assimillar, e o eterno amor de Maria apenas lhes tom alcançada a *oatuna* de viverem unidos, embora sem experimentarem a mesma felicidade de que goza o Antunes com sua querida esposa.

Fortaleza—96.

JOSÉ CARVALHO.

CHROMOS

xvi

NÚA, NA SAIA

*A Marlota é menina
De sete annos completos:
É lado.—a graça, os effectos
Da mamã, D. Paulina.*

*No quintal está despida;
D'uma bacia de estanho
Mexendo n'agua, entretida,
Fallando só, toma banho.*

*Chega Luiz, o irmãozinho,
Dis:—Me deixa um banhosinho.
Cotinha, d'ess'agua tua...*

*Ella d'nalá sem gritando:
—Papae, Néné'aid espiando
P'r'a gente no banho nua!..*

xvii

EM PORANGABA

*Pára o trem, Da villasinha
Verde, risonha, engraçada,
Vem pura a beira da Estação,
Toda a gente, alli cisinha.*

*Começa na ferrea linha
Por gritar a meninada:
—É olha a castanha assada!
É'noaa, é'hoá, é'fresquinha!*

*—Dê cá, dis um passageiro.
E enquanto puxa o dinheiro,
Parte o trem já da Estação....*

*Corre, e o menino aturdido
Grita e brada enraivecido:
—Paga as castanhas, ladrão!*

xviii

A ALLELUIA

*Nos ares bradu o foguete!
Repicam todos os sinos!
Rola o judas no catete!
Que algasarra entre os meninos!*

*Uns rasgam-lhe as calças finas
E oão-lhe o corpo arrastando:
Outros tiram-lhe as botinas,
E oão-lhe o fraque arrancando...*

*Uma macinha da cosm,
Vendo que tudo se arrasa,
Por aculá se deslisa,*

*Gritando:—Mamãe, acuda!
Desta casaca do juda
Papae diz qu'inda precisa!*

X. DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

CARICIAS, por *Garcia Redondo*—Editor—*Impressão de Magalhães*—Capital Federal 1895.

Acabo de virar a ultima pagina das *Caricias*, de Garcia Redondo, e o que dellas posso dizer é que justificam perfeitamente o seu titulo.

A penna que as traçou precisa ter sido embebida no coração, no coração saudio e generoso de quem soube fazer deste *calle de lagrimas o pais da ternura*.

Nos tempos que correm, assolados de pessimismo e de crua positividade, um livro como as *Caricias*—tão azul e tão suave—é um inimigo inapreciavel.

Lê-lo, é passar algumas horas de emoções dulcissimas, é repousar o espirito das bruscas e enervantes sensações que nos proporciona a leitura dos doentios productos do espirito moderno, tão propenso a desnudar misérias, a apresentar a vida pela sua face mais triste e desconsoladora.

Macterlink, Rollinat, Strimberg, Nordau, Tolstoi e tantos outros allucinados apostaram-se para fazer da Penna uma arma de destruição e de terror.

E o tédio e a desesperança são as notas dominantes das produções de hoje.

Alguns abrigam-se a um mysticismo bisarro e refutado, a esbravejar preces enquanto baixinho coolicham imprecações, como Verlaine, na sua vesga compuncção de quem procura crer e viva força.

É este o espectáculo que nos offerece a intellectualidade europeá, que nós começamos a macaquear como si estivessemos nas mesmas desgraçadas condições psychologicas e sociais a que chegaram povos gastos pelo attrito de tantos annos de civilização crescente e devoradora.

Não ha duvida que a molestia do século começa a minar a intellectualidade brasileira, molestia que não appareceu espontaneamente, mas que importámos mui simplesmente como si se tractasse de um objecto de moda.

Felizmente ha ainda muitos organismos são, transbordantes de bella seiva.

Entre esses se conta Garcia Redondo, que teve artes de debuxar algumas desenas de paginas, onde narra com singeleza e meiguice a historia das suas *viagens pelo pais da ternura*, ou sejam os annos da sua vida affectiva desde a adolescencia até hoje, quando já tem vergontosas que sobrepunjam a altura do tronco primitivo.

Depois de nos descrever os encantos do lar, conta-nos na *Botanica amorosa* o segredo das plantas e das flores, deventando-o em confabulações com a sua meiga companheira. Junto ao homem do lar apparece o homem da sciencia, mas sempre jovial, apaixonado e affectuoso.

Um temporamento assim é uma excepção consoladora.

E uma obra que, occupando-se com pentalhas da vida intima, tem o condão

de prender tao fortemente a attenção e emocioniar tao deliciosamente—é porque reflecte com precisão estados da nossa alma, fazendo com que vibrem no leitor as mesmas cordas que vibraram no autor ao traçal-a.

O estilo é incisivo, limpido e singelo.

É um livro em que a um fundo sincero e vibrante se alia uma forma bella e facil—uma obra d'Arte em que pese aos dissecadores de phrases e aos bacteriologistas do estylo.

Receba Garcia Redondo os meus parabens, de envolta com os meus votos para que o seu venturoso lar e o seu garrido jardim ainda lhe dêem assumpto para livros tao doces, tao humanos, tao consoladores como as *Caricias*.

Março—1895.

M. J.

P. S. Tinha-me esquecido de dizer que as *Caricias* são primorosamente impressas e illustradas com finissimas gravuras, entre as quaes se destaca o retrato do autor, que orna a primeira pagina.

M. J.

ZARA—*Anthero de Quesal*—Lisboa—1894.

O notavel e distinctissimo poeta Joaquim de Araujo acaba de nos enviar de Lisboa, onde reside, entre outros valiosos livros, a *Edição Polyglotta Zara*—as duas *genias estrophes* de Anthero de Quesal, vertidas em quasi todas as linguas do universo.

As estrophes de Anthero de Quesal pertencem ao pouco numero desses versos immortaes, que, atravez do tempo e do espaço, ruilam, emotivos, vibrantes e profundos, como essas formosas constellações que a especie adora, em horas de scisma, desde os dias do Paraizo até nós...

Eil-as:

ZARA

*Feliz de quem passou a magua
E as paixões da existencia tumultosa,
Inconsciente como passa a rosa,
É lecc como a sombra sobre a agua.*

*Era-te a vida um sonho: indifnido
É tenue, mas suave e transparente,
Acordaste... sorriste... e cagamente
Continaste o sonho interrompido.*

Esse tributo universal, posthumamente prestado a memoria de Anthero de Quesal, cerca de um resplandor sagrado o nome glorioso e puro do extraordinario e genial incomprehendido, que n'uma aueia dolorosa e desesperada, quebrou com um tiro de revolver o fi. de uma vida cheia de luctas e trabalhos berculeos!

FLÓRES DA NOITE—*Joaquim de Araujo*—Porto—1894.

As «Flores da Noite»—eis um livro formoso, onde, em cada pagina, a impecavel musica do lyrisimo de Joaquim de Araujo canta cheia dessa morbidez occidental, que nos trax a longinqua reminiscencia de Bernardin Ribeiro e dos antigos trovadores luzos.

Joaquim de Araujo tem em todos os seus versos um perfume virginal das *lieds* e das trovas populares: mas vibra sempre nelles a nota predominante dos bons escriptores de hoje—que é a observação verdadeira e cruaente esboçada d'aquillo que se vê ou d'aquillo que se experimenta.

Eis porque, o poeta das «Flores da Noite», indo muitas vezes respigar nas searas do passado, os seus versos só trazem dessas epochas longevas o perfume infantil; mas reveste-os a bronzea couraça da Arte moderna; e, de todos os modos, destaca-se logo, como um alto relevo manuelico, a individualidade de Joaquim de Araujo, que é um poeta na ampla, na genuina significação deste vocabulo.

Fôse -nos dado, no restricto espaço de uma simples noticia de jornal, dizer todas as bellezas de uma obra d'Arte, muito teriamos nós que falar dos versos das «Flores da Noite», esse esplendido ramillete de rosas, de todo-o-anno, cujo perfume suave nos entra pela alma em haustos agradabilissimos...

O soneto «Santa Iria», os lindos versos da *Menina e Moça*, e outros, e quasi todos os que compõem o livro, são d'um lyrisimo encantador.

E de toda a leitura que fizemos das «Flores da Noite» uma cousa dizemos com muita sinceridade a Joaquim de Araujo: é que a doçura ingenna das suas estrophes nos arrasta muitas vezes, para aquelles tempos remotos em que os trovadores em as suas *rimances*, *trovas*, *ronéis* e *chacaras*, cantavam o amor puro e a graça ingenua e divina das Mulheres, ora apaixonados, ora tristes, como as aves das nossas matas tropicaes, que sabem chorar, passionadamente, endeixas doloridas, nas horas em que o sol glorioso, tombado no poente, atira num raio paternal a benção de luz que recebem homens, aves, reptis e flores...

Ao poeta das «Flores da Noite»—nós, seus admiradores d'aquem-mar, devolvemos—flores!

ANATOLIO GERVAL.

Pendão auri-verde

Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança!

*Batido pelo sol claro e festivo,
O nosso pacilhão-verde e amarello-
Aberto ao vento, alto, eloquente, eio,
Sobre a eminencia, é suggestivo e bello*

*Eu acho-o sobretudo suggestivo
Pela união das duas cores, pelo
Verde, q' é o ramo da esperanca esquiv;
Pelo ouro, sol q' sempre ha de aquecel-o.*

*Mas outra doce idéa, que me exalta,
Ven-me à mente, e não traz nenhum
desdouro:*
—Uma desconhecida branca e alta

*Q' ha um anno procuro eq amo ha um
anno
Tem, do estandarte-nos cabello sonro
-Verde no solhos verdes como oceano*

LEOPOLDO BADOZO

A Ella

*Ella tem sempre no olhar
Profunda melancolia,
Essa tristeza sombria
Que lembra a luz do luar
Em noite nevoenta e fria.*

*Tem a voz triste e maguada
Como os queixumes do mar,
Das ondas que eim rolar,
De manso, na esbranquiçada,
Extensa praia, a chorar...*

*Vejo as sombras do pesar
Annucarem-lhe o rosto,
Como as sombras do sol posto.
Aos poucos, vão-se espalhar
Num céu sem nuvens de agosto.*

*Por ella sinto pulsar
Meu coração, ui, coitado!
Que, ha muito, foi condemnado
A soffrer, sem descançar,
Dentro do peito enjaulado.*

*Feliz de mim se algum dia
Viesse seu brando olhar,
Tão brando como o luar,
A noite longa e sombria
Da minha vida aclarar!*

Ceará—1894.

ANTONIO DE CASTRO

RECADOS

Quem faz actualmente os gastos de espirito nas columnas do *Diario do Ceará* é o Sr. Julio David, que, apesar da differença de appellido, deve ser parente proximo do Zé Pereira, aquelle descompassado humorista que tão engraçadas cousas escreveu.

N'uma das suas investidas contra a siseudez do proximo o Sr. David intercalou um—*com licença do ultimo numero d'O Pão*—cuja espirituosa intenção não pudemos perceber.

Li a couza de baixo para cima, de cima para baixo e fiquei na mesma.

Oh, Sr. David, quando fizer espirito, faça-o claro como o de canna e não turvo como vinho Fritiz-Mack.

Aquella allusão a *O Pão* deve encerrar cousas engraçadissimas, mas tem um defeito—ninguém entende.

Nada de egoismo, Sr. David! Pois então SS, quer fazer graças em letra de fórrna só para os seus botões?

Graças assim fazem a gente abrir a bocca... mas é de somno.

Com vistas á redacção dr. *Rio-Revista*:

Ha na imprensa cearense um noticiariista que se assigna *Chamber-Son*, especialista em noticias de festas, espectaculos, bodas e baptisadose que tambem faz apreciações sobre as revistas e varias outras publicações que recebe o jornal onde elle... escreve.

Pois bem, este noticioso moço, noticiando o apparecimento da *Rio-Revista*, expressa-se assim:

e Recebemos o 1.º n. da Rio-Revista, folha caricata, etc. >

Caricata! entendem?

Sim, *Chamber-Son* chamou a *Rio-*

Recista—ca-ri-ca-ta— e creio que não retira a phrase.

Limitamo-nos a denunciar o delicto do nosso conterraneo, mas não pedimos castigo algum para elle: ao contrario pedimos que deixem-no passar por esta vez, que não façam caso.

Coitado! elle não tinha más intenções, não.

Vejam si vão agora arrastar o rapaz pela rua da amargura...

M.

TROVAS

*O Sabio diz com toda concieção:
Sópode amar-se uma vez só na vida!
Vindo o primeiro amor ao coração
Não deixa mais essa prisão dorida!*

*Neste engano eu andei annos e annos,
Mas ha tempos mudei de opinião:
O Sabio, ás vezes, é sujeito a enganos,
—Ha leis que sancionam para o coração?*

Ceará—1895.

LOPES FILHO

CARTEIRA

JOAQUIM DE ARAUJO

Este notavel litterato portuguez acaba de ser distinguido com a nomeação de Consul de Portugal em Genova.

Partindo para aquella cidade dirigiu-nos elle honroso cartão declarando que ali continuará a desempenhar as funções de nosso socio correspondente.

Acompanharam o seu cartão as seguintes obras que teve a gentileza de nos offerecer:—*Flôres da Noite, Zara, Sá de Miranda, Luiz de Camões, Carta ao Dr. Rodrigo Velloso, A poesia na actualidade* e os 3 primeiros ns. da *Recista Portuguesa*, de que é director.

Em nossa secção bibliographica apreciamos hoje as *Flôres da Noite*, ultimo livro de versos de Joaquim de Araujo, e *Zara*, de A. de Quental.

Agradecendo a delicada e valiosa offerta, fazemos votos pela boa fortuna do distincto cavalheiro na brilhante carreira que ora enceta e que, contamos, será fertil em beneficios para a sua patria.

EDUARDO SABOYA

Entrou para a redacção d'A *Semana*, da Capital Federal, na qualidade de sub-secretario desta esplendida revista o nosso querido consocio Eduardo Saboya.

Faz bem pouco tempo que se acha no Rio o joven auctor dos *Contos do Ceará* e entretanto já conseguiu impor-se ali á estima da alta roda das letras onde o seu talento é devidamente apreciado.

Parabéns ao Eduardo.

Nossa recepção

A' A *Semana*, ao *Correio Paulistano*, ao *Mercantil*, de Porto Alegre, á *Republica*, do Pará, a *O Liuro*, da Bahia, agradecemos as amáveis referencias que nos têm feito e as transcripções com que nos têm honrado.

A NOTICIA ILLUSTRADA

A *Noticia*, do Rio, como folha adi-antada que é, resolveu dar aos dominagos uma edição illustrada, do que se sahii muito galhardamente.

Os dous numeros que temos á vista são adoraveis de nitidez e de espirito. Prosa de Lulú Senior, desenhos de Julião Machado... imaginem!

Parabens no Rochinha.

RIO-REVISTA

Recebemos o 1.º n. desta publicação, sobre a qual daremos um artigo especial no nosso proximo numero.

HENRIQUE JORGE

A' hora em que entra para o prélo a nossa folha não nos é possivel dar noticia do concerto do nosso presado consocio Henrique Jorge, o que faremos no proximo numero.

CLOVIS BEVILAQUA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o brilhante artigo que hoje começamos a publicar—*Criminologia e direito*—do insigne jurista Clovis Bevilacqua.

E' impossivel tratar-se de assumpto tão arido para os profanos em estylo tão claro, tão ameno e imaginoso.

TROVAS DO NORTE

Vae emfim a aniedade publica ser satisfeita com o apparecimento do primoroso livro de poesias do nosso charo colliéga Antonio Salles.

Amanhá (2) será o volume das *Trovas do Norte* exposto á venda em todas as livrarias desta capital e distribuido pelos subscriptores aqui residentes.

A *Padaria Espiritual* celebra este jubiloso acontecimento com um jantar de 25 talheres, offerecido ao poeta, no qual serão representadas a imprensa e as diversas corporações litterarias e scientificas desta capital.

COMPANHIA DRAMATICA

Em breve chegará do norte a companhia dramatica dirigida pela coiffei-da actriz Apollonia Pinto.

Conta bons artistas a companhia, e no seu repertorio figuram peças muito estimadas do publico, como sejam os dramas d'Ennery e outros igualmente emocionantes.

E' escusado desejar boa fortuna á companhia, visto que a casa já está tomada para todas as récitas.

CASAMENTO

O nosso consocio honorario M. Bernardo Vieira Filho, ou seja simplesmente o *Nascimento*, como lhe chamam, não sabemos porque, vae entrar para o rol dos homens serios, unindo-se pelos laços matrimoniaes á exma. sra. d. Anna Bastos, gentil filha do sr. dr. Gonçalo de Lagos F. Bastos, deputado federal.

Que seja muito feliz o *Nascimento*, são os nossos votos.

PREPARADO PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição. e c.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito effcaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA

GICA. Cura em pouco tempo blenor-rhagias recentes ou chronicas.

POUS DENTIFRICOS. Alveção e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joiás de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). **Objectos** para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas. preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, è hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeã, tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio. garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B —Rua Formosa—108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

 Approvados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas de effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacaeas purgativas.—São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Appetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa parrilha.—E' o purificador mais ENERGETICO DO CEARA'. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphitico, Boubas, Ulseas venereas, Dartros, Impigem, Sarnas, Gomas, Cancros, etc., etc.

Mistura ante-bleorrhagica ou Injecção Mendes.—Cura rapidamente bleorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Goltas odontalgicas.—Preparação composta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes.—Alem de agradaveis, promettem pelo seu uzo continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trasendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applicado com vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Específico contra as molestias de pelle.

Xarope de bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidro mordente para preparar o panno que se quiser marcar.

Vinho de cajú.—Já conhecido e acreditado. Não é nocivo a saude e substitue aos vinhos vindos do estrangeiro.

Todos estes medicamentos se achão a venda na Pharmacia Theodorico de **JOSE ELOY DA COSTA**—RUA MAJOR FACUNDO 66 —FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de *Gulherme Rocha & C.** e na cidade do Crato na casa commercial de **POSSIDONIO PORTO & C.***

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44

31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C.

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas á cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61-- Rua do Major Facundo--59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

Oliveira Rola

Agente de

L. BILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 46.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II }

Fortaleza, 15 de Abril de 1895.

{ NUM. 14.

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 20000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixamos de aceitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um semestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARY.—*Plagiario?* A redacção ; —*Os quinze dias*, Moacyr Jurema ; —*Chromos*, X. de Castro ; —*Criminologia e direito*, Clovis Bevilacqua ; —*A Ressurreição de Christo*, Rodolpho Theophilo ; —*A Lucia*, Cabral de Alencar ; —*A infancia outrora e hoje*, José Carlos Junior ; —*Ordem e progresso*, Bruno Jacy ; —*Recados*, M. & B. ; —*Epigramma de Cicero*, Bento Ernesto Junior ; —*Lições Caritativas*, J. ; —*Trovas*, Lopes Filho ; —*Imprensa Litteraria*, S. B. ; —*Carteira*.

Plagiario ?

O nosso presado consocio Rodolpho Theophilo, tem, como toda a gente que se présa, inimigos, desses inimigos necessarios que apparecem expressamente para dar maior realce á individualidade da victima, collocada sobre o fundo negro que elles lhe fornecem por traz.

Um destas preciosas creaturas desbarçou-se ha dias com o pseudonymo de *Keither Jonston* e pelas columnas editoriaes d'*A Republica* vibrou desastrado e irrisorio golpe á reputação litteraria de Rodolpho Theophilo, que se tem elevado no conceito publico sobre o pedestal laboriosamente construido com os seus trabalhos—*Historia da Secca*, *A fome*, *Monographia da mucunã*, *Botanica*, *Sciencias naturaes em contos* e que se ha de elevar mais ainda com a publicação do seu formoso livro—*Os Brilhantes*.

Keither Jonston insinúa perfidamente que os artigos publicados pelo Rodolpho nas columnas desta folha com a epigraphé—*As manchas do sol e as secas*, não são seus, mas de um individuo cuja competencia todos reconhecem por ser elle o nosso melhor pedagogo.

A accusação não é somente perversa como tambem parva, porque o artigo, pela sua propria natureza, não dá lugar a plagio.

O que fez Rodolpho Theophilo foi simplesmente comparar a tabella de manchas solares, que se encontra em qualquer tractado de astronomia, com as observações pluviometricas de um certo numero de annos e d'ahi tirou a deducção de que o numero de manchas não tem relação alguma com a quantidade d'agua que cahé sobre a terra, como aliás se pretende.

De que trabalho alheio se pode ter servido o nosso collega na preparação dos seus artigos—soccorrendo-se dos dados que encontram na *Astronomico Populaire* de Flammarion e das observações pluviometricas que fez pessoalmente em seu instrumento ?

A idéa de plagio em assumptos desta natureza, só pode ser engendrada por essas *reconhecidas competencias* que, nada produzindo, não podem ver com bons olhos os esforços alheios e, como as caseavéis de verdade, só sabem da sua inercia para picar aos que passam na faina de fazer alguma coisa pela sua terra e de conquistar honradamente um nome na republica das letras.

Aqui lavramos o nosso protesto contra a calumniosa insinuação de *Keither Jonston* ao qual Rodolpho Theophilo arrancará galhardamente a mascara, esmagando-o em seguida sob o peso de provas esmagadoras.

A coisa promete ser interessante, palavra de honra, e nós continuaremos a *lavar* nosso triumpho com vinho de uva, que é bebida patricia, enquanto os accusadores de Rodolpho afogarão a sua vergonha em outra bebida patricia qualquer...

Terminamos garantindo ao publico que nesta questão de *manchas solares* não sera Rodolpho Theophilo quem ha de sahir manchado.

A REDACÇÃO.

Os quinze dias

Decididamente as calamidades não andam em veia de successo. Ha não sei quanto tempo que o cholera procura impor-se no Rio no pavor publico e ainda não conseguiu que o tomassem a serio.

A *Gazeta de Noticias* negou redondamente a sua idoneidade, e não faltou chronista que o não zurzisse com chufas da mais desfaçada irreverencia.

Agora, entre nós, uma outra calamidade procura erguer o collo e abrir as faucez hiantes para tragar o povo de Aracaty, e eis que apparece o Sr. Reinado Porto dizendo que não ha inundação tal, apesar do correspondente d'*A Republica* affirmar que os povos ribeirinhos foram enxotados das suas habitações pela vaga montante do Jaguaribe e as canoas dão-se ao luxo de ancorar em plena rua Apollo!

Eu nunca fui ao Aracaty (o tenho pena!) mas estou com os que acreditam na inundação.

Acredito, sim, o mesmo que não houvesse inundação era preciso inventar a porque só ella poderá lavar a pecha de—*terra da secca*—que nos atiram Estados vaidosos dos seus grandes lagos e caudalosos rios.

Com que cara não vão ficar elles ao saberem que no Ceará o pluviometro recolhe num mez 600 mill. d'agua e um rio abandona o leito para expulsar do dito os incautos que lhe povóam as margens!

O Sr. Reinado Porto não pode andar de boa fé nisto: S.S. é talvez opposicionista e se contesta a inundação é porque pensa que ella é obra do governo.

Si não é este o motivo da contestação, é que então o Sr. Porto do Aracaty, é parente do porto da Fortaleza, e este, como se sabe, é refractario a toda a idéa de inundação...

Concitemos o governo a reconhecer oficialmente a inundação soccorrendo as victimas e mudando, de conformidade com as tendencias da epocha, o nome do Aracaty para —Venezuela Cearense.

Uma cidade em que as canoas cruzam as ruas... que lindo!

Acubamos de atravessar a grande semana em que a Igreja commemora a paixão e morte de Christo,—sema-

na grata aos erontos, e ingrata para os dyspepticos que accumulam a fé e a dyspepsia como o oscurecedor das linhas, para quem o acto de digerir uma fritada de bacalhão custa mais do que um acto de contricção aos felizes que têm bom estomago.

Não ha como a religião para abalar multidões.

Qual é a festa profana que tem o poder de atrahir e mobilisar o povo, o verdadeiro povo por conta de quem se diz e se faz tanta cousa?

Só as festas religiosas têm o condão de arrancar aos lares o burguez egoistico, a velhinha encarquilhada, o estafado operario e todo aquelle para quem o lar não é somente uma casa onde se dorme *às vezes*, mas um doce abrigo onde se repousa dos labores do dia.

Todos os annos é a mesma cousa, mas todos os annos o povo accorre aos templos para assistir á commemoração liturgica do drama do Calvario, para acompanhar as procissões e ouvir a palavra sagrada a resoar tragicamente pelas naves.

Os scepticos dirão que o unico incentivo desta azafama é a curiosidade que, como o terror, se torna contagiosa nas multidões.

Como não somos scepticos, não patrocinamos semelhante asserção, mas podemos affirmar que, no tocante a jejuns, podemos limpar as mãos á parede.

Santa abstinencia essa que consiste em adiar o almoço para meio dia e comer muito mais do que nos outros dias.

Qualquer mesa, que ordinariamente não consta de mais dedous pratos, exhibe, nos dias de jejum, grande profusão de iguarias, ás quaes se dá combate de extermínio, já se tendo muitas vezes devarado occultamente uma gulodice qualquer para enganar o appetite, sem que *culato* algum denuncie a quebra do jejum.

Muitos jejuadores tomam pela manhã uma chieira de café acompanhada de um pouco de pão, sob pretexto de que não o fazendo têm dores de cabeça, tonteiras e não sei mais que.

Pois fiquem sabendo que o unico pão que se pode ingerir sem quebra de abstinencia é o fabricado pela Padaria Espiritual (2\$00) por trimestre. Exigir a marca da fabrica—*Amor e Trabalho*, o qual não impede mesmo a communhão.

E, si quizerem se informar melhor dirijam-se ao Carlos de Miranda, que deixou a Secretaria da R. de F. do Baturité pela do Bispado, cujos editaes assigna agora para odificação dos povos.

Cumpro ao governo indagar si o Carlos não está no caso do defunto Clysca Castello Branco, que ambicionava accumular as funcções do presidente da provincia e do bispo.

Procisamos a saber si o homem percebe os vencimentos de ambos os cargos ou si exerceo este ultimo sem remuneração alguma e só em cumprimento de alguma promessa.

Terminamos estimando que todos os nossos leitores de marca pequena tenham escapado ao pau a que se

gnindam as effigies de Iscuriotes,—esse formidavel ingrato que assignalou a sua traição com o que de mais nobre e puro pode produzir a carne humana—o beijo.

E beijando as mãos ás leitoras d'O Pão, dellas me despeço por estes tempos mais chegados enquanto vou ao serviço refazer a minha devasada carcassa.

MOACYR JUREMA.

CHROMOS

XIX

AO DELEGADO PEDRO SAMPAIO

*De azul-escuro o horizonte
Rapidamente se oeste;
D'ouro o luzeiro celeste
Nas névoas esconde a fronte!*

*As flores, o calle e o monte
Varre com força o Nordeste,
Da casa as palhas inoeste,
Remoça as folhas da fonte.*

*Cahe a chuva. As raparigas,
Lembrando queixas antigas,
Gritam:—Lá vem!... É o Inverno!*

*—Em brece o campo está basto
Do maldicto melão-pasto!...
Lá como nós p'r'esse inferno!*

XX

O MARIBONDU

*A correr pelo terreno
Vão elles todos os dias
—Antes das Aze-Murias
E cada qual mais ligeiro—*

*—Sentou-se de um castanheiro
Sob as ramagens sombrias;
—Ouven as grucças radias
Do Zezinho, o mais brejeiro.*

*N'arvore a Chicra trepada
Chora!.. Ardente ferroadu
Deu-lhe uma oespa na mão!*

*A mãe ouce... corre e grita
—Que diabo é isso, Chiquita?;
Desce p'ra baixo, machão!*

XXI

A AVOSINHA

*Os netos fillos e os netas
Vão todos demanhõsinha
Se chegando á camarinha,
Aleos, limpinhos, correctos.*

*Cada qual com mais affectos
Abraça e beija a avosinha,
Magra, corcunda orlhinha
De nozent'annos completos*

*Um d'elles—o mais odio—
Quebra o fuso, espalha o fio,
Destampa a calca, abre um sacco;..*

*A celha ei, diz baixinho:
—Ai' sac' p'ra fora, diabinho!
Lá derrama meu tabaco!*

N. CASTRO.

Criminologia e direito

113

A idéa do crime constitue uma *oppositio contraria* á idéa do direito. Se existe crime é porque existe direito, e a idéa subversiva de um é como que a sombra da idéa constructora do outro. Nasceram conjuncta e simultaneamente, têm vindo a rolar engatilhados um ao outro, através das idades, transformando-se muitas vezes, em repercussão reciproca, e, si o direito já conseguiu dilatar consideravelmente seu campo de acção, não expulsou da sociedade nem jamais expulsará o elemento desorganizador que nella fermenta.

Dessa conjunção logica, historica, social e psychica resulta que, para determinar a noção do crime se tem de, previamente, firmar a noção de direito; para conhecer como a acção corrosiva do crime actúa sobre a organização social, se tem de examinar, ao mesmo tempo, como o direito luctou com elle, até que ponto foi victorioso e porque não conseguiu mais; para estabelecer as transmutações successivas porque têm passado as formas criminaes, forçoso será estudar as transformações correspondentes das formas juridicas.

E' costume repetir que, no estudo do direito, ha materia para uma arte e para uma sciencia. A idéa parece-me verdadeira, embora incompleta.

Ha, realmente, no estudo do direito, uma parte que se destina ao conhecimento das leis e dos principios juridicos que não se condensam nos codigos, para dar uma boa applicação dos preceitos leges aos factos occorrentes e fazer funcionar a mechanismica social. Mas a determinação dessa consonancia exige indagações superiores, em que o espirito transcende a uma ordem de idéas mais elevadas. A arte de applicação sociege-se á categoria de sciencia. Esta sciencia, para reponer em dados experimentaes, devo consultar os documentos do direito humano, tanto quanto for possivel, desde os homens primitivos e os selvagens até os civilizados. E, pois que o direito apparece na sociedade e nas consciencias dos individuos, cumpre estudal-o pelos seus dois aspectos—o sociologico e o psychologico. E' complexo um tal estudo, e tanto mais quanto a sociologia e a psychologia se entroncam na biologia, de onde emergem, sob a forma de instinctos, os elementos primarios do direito. E' um estudo complexo, é uma tarefa exgotante, mas não menos necessaria.

Sobre a base da sciencia do direito, condensando em synthese elevada os seus resultados, tanto de aspecto psychologico quanto sociologico, e combinando-os com as construcções da philosophia geral, ergue-se a philosophia do direito.

Em cada um dos ramos em que se expando a arvore juridica, reproduz-se essa triplice ordem de estudos, a arte, a sciencia e a philosophia. No direito criminal, temos, ao lado do co-

nhecimento das leis e dos principios para a applicação immediata, a sciencia que recorre a todos os elementos da historia, da estatistica, da psychologia, da biologia, da ethnologia e de quaesquer outras disciplinas que lhe possam fornecer luzes, e documentos. E' a isso que se dá o nome de criminologia, em cuja esphera tambem se include a philosophia do direito penal.

Não ha, portanto, razão plausivel para deslocar-a da jurisprudencia.

A escola anthropologica tem meritos incontestaveis: grandes serviços prestou e está prestando á sciencia. Segundo Alimena, são estes, principalmente, « o fundir-se sobre a negação do livre arbitrio, o ter insistido sobre a defeza social, o ter estudado o delinquente e o delicto, o ter dado lugar mais largo á prevenção » (1). Mas essa escola, como ainda o faz notar o douto escriptor napolitano, deixou-se levar muito pela theoria do organismo social, esquecendo que, mesmo para Spencer, ha organismos continuos, que são os animaes e organismos discretos, que são os socias, os chamados superorganismos. A consequencia natural desta exaggeração foi essa extraordinaria e chocante simplificação da reacção penal, pelos processos de pura eliminação e de rigor draconiano, a que conduziam os principios da logica.

Outro exagero de consequencias igualmente inaceitaveis é o que consiste na interpretação puramente biologica das modalidades criminaes, como si por basear-se na biologia não tivesse uma esphera propria á sociologia. A pena actua sobre uma grande maioria dos homens, tornando-se um motivo que o afasta do crime, pela intimidação actual sobre o individuo, e, como determinante moral, (2) agindo sobre a consciência dos co-associados, isto é, de todo o grupo social, para o qual foi ella edictada. A escola anthropologica sustenta que a pena não tem efficacia, senão como eliminação, e, por uma contradicção difficil de explicar, pede penas severissimas para os delinquentes.

CLÓVIS BEVILAQUA.

(1) *I limiti e modificatori del impunitività*, Torino, 1894, p. 8.

(2) La difesa giuridica differisce da ogni altro mezzo di difesa sociale, perché agisce,—non come forza materiale, ma come determinante morale, sulla coscienza, non tanto dell'individuo, quanto dei coassociati. Alimena, op. cit. p. 16.

TROVAS

*Conheci certo mendigo,
Um pregador de Moral
Que era o maior inimigo
De tudo o que nos faz mal....*

*Correram tempos... bons ventos.
Sopraram no seu quintal...
Hoje ja não dá lamentos
E... foi-se embora a Moral....*

95.

LOPES FILHO.

A LUCIA

Ha tragédias n'essa tua belleza.

Aureolam-te faiscasções fataes, recordadas de caricias vingativas, que, delinheando invisivelmente, travidoras tentações, me penetram, provocando-me estremecimentos, anseios de beijos e de rosos, anseios que se estorcem agoutados pela neve implacavel, mortal de teu desdem supremo.

Dramatisa e mascára o teu semblante uma fascinação sombria, assassina. Estranha que me somnambulisa, fazendo-me entrever n'uma transparencia aveludada de mysterios, quintos actos de Romeu e Julieta, prossições de desesperos, scenas de loucuras e de suicidios.

Sombriam o colorido de tuas faces névoas de sensualidade, que me trahem a idéa exotica do ar de uma tarde scandinava, desmalhando uma rosa tropical.

Parece-me que scisma em todo teu ser uma tristeza lubrica e phantastica.

Sensibilizam a altivez marmorea e olympica de tuas feições essa magoa sonhadora, indefinida, incomprehensivel que erra no olhar das judias sem patria, uma saudade visionaria semelhante a uma espiritualisada recordação de infortunios longiquos, ignorados, já passados.

Delira a volupia n'esse fluido radial, hypnotisante que osteus olhos, philtram nos meus, fazendo cahir dentro de mim, no sangue e nos nervos uma neblina de sensações ardentes.

Esses teus labios devem ter o veneno das papoulas rubras do Oriente, como petalas abrasadas: queimam. Contém, creio, delicias que entorpecem e matam.

Os teus cabellos, fios de treva, manto de seda negra que romantisa a tua cabeça, dando uma tonalidade crepuscular ás radiações rosadas de tua resplandecente fronte, illudem, enganam.

Tem o poder de apagar a luz do dia, de fazer a noite nos leitos de amor, quando os passaros cantam, noticiando a aproximação do Sol.

Teu sorriso é como uma ironia translucidamente jovialisada.

Acompanha-te na existencia uma poeirada de paixões de supplicas e de ais, de adorações e de blasphemias.

Ao ver-te, a minha Phantasia, fluctuando sobre um ether de sonhos, vae adormecer no arminho d'essas tuas formas pagãs, esplendidos symbolos da Belleza ambicionada pela minha idealidade artistica.

Sinto relampagos de febre e de allucinação, quando me attinge a linha de esplendor que o teu corpo traça no espaço ao caminhar.

Teus uma formosura ironica e immoladora. Essa harmonia impeccavel, essa magnifica correção hellenica de teus traços tiram-te alguma cousa de humano. És bella e fatal.

Amo-te e odeio-te porque me fizeste amar-te.

Ceará—1895.

CARRAL DE ALENCAR.

Resurreição de Christo

*A terra treme, parte-se as montanhas;
Dão laborstala a base de granito,
Partam no curso os astros no infinito;
O mar se queda dentro os tranhanos!*

*Astrocaves se inclinam los penhanos,
Como corgadas por tuftão maldicto!...
As feras urram n'um nervoso grito,
Vibram no ether trepidação eger tranhanos*

*O homem á beira d'esse grande abysmo,
Reol' um delicto, que percebe agora
Cabe resupino e teme o cataclizmo.*

*Dilue-se a treva, volta a paz, a luz!
N'um manto argenteo, luminosa auro-*

*ra,
Sahedo septelchró, resurgiu Jesus!..*

Fortaleza—1895.

RODOLPHO THEOPHILO.

A infancia outr'ora e hoje

III

Não era em Roma a condição das creanças melhor do que na Grecia. Para que não possamos duvidar da pouca intensidade dos sentimentos affectivos dos pais ahí está a legislação romana para nol-o attestar.

Nos primeiros tempos era o filho verdadeiro escravo do pae, que o podia matar ou vender, comprar-o de novo, revendê-lo e dal-o em pagamento de dividas. A lei das Doze Taboas limitou a tres o numero de vezes que o pae podia vender um filho, mas ainda recusou ao filho emancipado o direito de herdar.

A legislação dos povos antigos no tocante a heranças ainda nos mostra quanto a humanidade ha progredido neste ponto de então para cá. Por toda parte, nas sociedades incipientes, a successão da tribu precedeu á da familia e esta á da prole. Em começo, a propriedade individual, por morte do proprietario, revertia para a communitade; mais tarde esta facultade limitou-se á familia e por fim á descendencia.

Ainda mesmo assim, estava muito longe a herança de ser, como hoje a consideramos, um favor concedido á prole, no sentido de lhe ampaiar a fragilidade e a inexperiencia, e fundado na presumpção do affecto paterno. A herança na antiga legislação romana é antes um encargo do que um beneficio.

O filho herdava não por direito mas por obrigação; o herdeiro não fazia mais do que continuar a pessoa do defunto para honra da familia e dos dones lares (1); herda de si mesmo—*haeres sui, haeres suum* (2).

Cabe a Justiniano, e não é essa uma das suas menores glorias, a honra de ter dado o maior passo no

(1) *R. Gibuin*: Les lois civiles de Rome.

(2) *F. de Coulanges*: Cité antique.

sentido de uma comprehensão mais racional e humanitaria dos direitos da prole, estabelecendo na *Noella* 118 a successão na ordem da affeição presumida dos paes.

Exceptuada a Persia e, em parte, o Egypto, onde havia um grosseiro esboco de protecção ás creanças abandonadas, a assistencia publica aos infantes não existia nos povos antigos. E' certo que os filhos de guerreiros mortos heroicamente no campo de batalha, eram recolhidos e educados a expensas publicas, mas isso não se fazia por um sentimento de compaixão pelos orphãos e sim, no interesse publico, em virtude de uma bem fundada presumpção de que filhos de heróes, heróes seriam.

A propagação do Christianismo e a legislação de Justiniano muito fizeram em favor dos direitos da prole, mas durante a Idade Média nem um passo mais se deu.

Longo e superior ás nossas forças seria o empenho de acompanhar a evolução da philogenitura, por entre a confusão da Idade Média, entre a lucta de elementos ethnicos heterogeneos e o desenvolvimento de novas idéas.

O que porém se verifica é que os sentimentos de commiseração e de igualdade do christianismo primitivo não tardaram a vir esbater-se do novo ante os habitos guerreiros, o arrogante orgulho e a ambição de gloria militar dos tempos do feudalismo.

Nos livros de cavallaria, nos cantos dos trovadores, no romancero, nas sagas, em toda a litteratura anterior á Renascença o infante, quando apparece, é com uma importancia infima, e sempre evocado não pelos sentimentos affectivos de que é objecto, pela ternura ou graça pueril, mas no character de herdeiro ou representante do nome illustre. A creança castellã, tal como nos apparece nos documentos da epocha, é um ser frio, ridiculamente grave, imbuido da sua fidalguia, austero por abandonar o seu sombrio lar e correr ás luctas, pondo talvez a suprema vaidade em retribuir com um frio olhar de reprehensão desdenhosa o pranto de uma mãe denotadamente sensivel ou de alguma velha nutriz, camponia e simples.

Nos seculos XV a XVIII ainda em toda a Europa a manifestação de um grande pesar, de uma dôr profunda pela perda de um filho ou uma filha era objecto de geral estranheza e fortes censuras.

Malherbe, dirigindo a seu amigo Du Perrier a celebre ode pelo fallecimento de sua filha, (tranquillise-se os leitores, que não vamos citar os versos da *rosa*) principia censurando-lho os extremos de dôr. Identicas censuras e em termos ainda mais rigorosos se encontram em numerosos documentos epistolares dos seculos passados (3).

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

(3) *Vallery-Radot*: Sentimentos de famille, *passim*.

Ordem e progresso

AO REV. PADRE CORRÊA D'ALMEIDA

*Depois que a Realeza fez naufragio,
A não do Estado segue falsa rota
O credito se extingue, augmenta o vagio,
Medonha se aproxima a bancarrota*

*De Equador ou Bolivia triste plagio,
O Brazil de caudillos se abarrota:
Sophismas-se os Direitos e o suffragio,
A noza Carta mesmo já cue rota.*

*Alça a guerra civil horrendo collo;
Brazilio sangue inundou o patrio solo
E' confusão a lei, furça o congresso!*

*E no meio do chaos em que vicemos,
E no abysmo onde agora nos sorcemos
Procura em balde a Ordem e o Progresso*

*Tinha a bandeira imperial outr'ora
Vinte estrelas em circulo arrumadas,
A cruz do Christo, q'inda o povo adora,
E duas cordes ramadas enlaçadas.*

*Mas foi-se a monarchia em boa hora
E em vez das duas plantas cultiçadas,
Um gladio pé-se no estandarte agora,
Por entre cinco pontas aqueçadas.*

*As estrellas ficaram, mas dispersas,
Alça e de grandezas nuti diversas,
Com letreiro, q' diz: PROGRESSO E ORDEM*

*Em contrario ao q' omotte está dizendo
Como triste ironia, vamos vendo
Estrellas a granel, tudo em desordem.*

Ceará—Março—1894.

BAUNO JACY.

RECADOS

O Julio David continúa a fazer, nas columnas do *Diario do Ceará*, as suas gracinhas de que só elle se ri e a puxar brasa para sua sardinha, dando como de outrem produções suas, para as quaes chama a attenção com dous ou tres dias de antecedencia.

Deixa-o! si não diverte a ninguém diverte a si mesmo, e não emprega o tempo em cousas peiores.

O David, si não é espirituoso, é, pelo menos delicado. Está se vendo que tomou chá em pequeno.

Isto de alimentação que a gente toma em creança influe poderosamente sobre o nosso futuro. O chá é de effeitos benéficos sobre a educação do individuo.

Não assim o girimú:—menino que se alitente com esta cucurbitacea ha de ser fatalmente infatuado, insolente e pulha.

Por mais cuidadosa que seja a educação que se lhe dê, triumphá a influencia da maldita *abobora menina*.

Vamos portanto aguentando as gracolas displcentes do David, que felizmente não foi crendo com *cambica*.

Por falar em alimentação vêm-ni á memoria os artigos que sobre este assumpto está publicando o Sr. Tiburcio de Oliveira no *Diario do Ceará*. O assumpto é vasto, interessante e como diz uma *chapa* veneranda,—palpitante de actualidade.

Bato palmas ao auctor dos artigos pela campanha que encetou, mas peço venia para comentar uma asserção contida no seu primeiro artigo.

Diz S. S. que no sul, devido ao infiltramento das idéas, dos habitos e do sangue europeu o povo adquiriu uma compleição debil e anemica. O passo que o norte está prescrevendo do contagio do cretinismo, por não se dar o referido infiltramento.

Ao ler isto, se não calhi das nuvens porque o céu estava limpo.

Com que então a immigração allemã e italiana tem tornado o povo do sul debil e anemico?

E eu tão necio que pensava que o sangue dessas duas nobres raças, de tão bello physico e de tão superior intellectualidade, só podera beneficiar as nossas desengonçadas carcassas de mestiços que devemos o pouco que somos ao bocadinho de sangue portuguez que nos corre nas veias.

Está escripto que hei de ter uma decepção por dia, no minimo, porque ha dias em que tenho tres.

Pois si a coisa é assim, já não tenho inveja das levas de immigrants europeus que estão a chegar todos os dias a S. Paulo, Minas, R. G. do Sul, Santa Catharina e Espirito-Santo.

Emquanto não tivermos immigração europeia estamos preservados de cretinismo, diz o Sr. Tiburcio de Oliveira.

Está se vendo que este cavalleiro não conhece bem a terra em que pisa, do contrario já teria descoberto numerosos casos de cretinismo, embora não caracterizados pela depressão craniana e pelas respectivas papadas.

Temos cretinos, olá si temos, e dos de peor especie, a questão é saber descobri-los...

Chamber Son continúa imcertunavelmente a produzir maravilhas de noticiario.

Falando do apparecimento do *Iracema* o homeminho esteve formidavel.

Pena é que não tenha assignado a obrinha, o que aliás não ora preciso para se conhecer que o seu genio andou *doirificando* aquelle acervo de prodigios.

Continue o bravo rapaz, que a Gloria o espera para sagral-o conjunctamento com o seu extraordinario e pranteado collega do *Herde dos Martires*.

M.

O soneto *Retrospecto* (Iracema) começa deste modo:

Lembro-me tanto e como é doce...

Dizem que comer queijo faz porder a memoria. Será bom que d'hoje em diante o retrospectivo *coma o seu doce* com queijo para não se lembrar tanto. E depois poderá sonestificar assim:

Lembro-me pouco e como é queijo...

Seu reclusão, e sem as transcripções primitivas de que são os melhores poetas da terra, o "Academista" traz uma columna de reclame e uma transcrição (não promatuta?) do primeiro livro do primeiro poeta cearense, o qual (o livro) está em adiantado trabalho de composição.

Isto faz lembrar uma quadrinha cantada nas novenas em que se diz que N. Senhora do Carmo:

*Nocecentos annos
Antes de nascido
Já dos Carmelitas
Era conhecida.*

ou aquelle celebre enigma da pescada, que—antes de ser já era. E como se trata do pescadores...

Sempre seria bom, tratando-se daquelle auctor, evitar com muito cuidado os preconceitos prematuros, pois um livro seu (não seria o primeiro?) já foi a quatro annos prefaciado e anunciado aos quatro ventos e em todas as vitrinas; e até um jornal de então publicou por alguns dias, entrefinhado por todas as columnas, a noticia do seu apparecimento.

E não apparecem!... Mas enfim, appareça elle, e dou parabens (prematuros?) ás letras cearenses.

B.

EPIGRAMMA DE CICERO.

*Crederat enim ventis, animum necredis.
puelles;
Namque est feminea tutior unda fide.*

QUINTO CICERO.

*Solta o barco à discreção
Do vento que passa a uivar,
Mas, não queiras confiar
A mulher teu coração.*

*A onda que de instante a instante,
Vezes sem conta se agita,
É mais constante, acredita,
Do que a mulher mais constante.*

Minas—1895.

BENTO ERNESTO JUNIOR

Licções caritativas

AO AMIGO R. C., (DOS LEMBRÊTES)

Em qualquer grammatica portugueza encontra-se esta regra:

«Nunca se deve pospor o pronome obliquo ao futuro simples, ao conditional nem ao participio preterito.»

São por tanto erros gravissimos, crassissimos, dizer: «*amarrei-te, contarsins-me, ter plagiado-o*, etc.

Tambem se encontra nas grammaticas esta outra regra:

«Nunca se deve pospor o pronome obliquo nas proposições que principiem pela palavra que, seja pronome ou conjuncção.»

É pois erro grave dizer: *que tivesse-o*.

Os substantivos derivados de verbos transitivos comportam ordinariamente um complemento determinativo regi-

do da preposição *de* e correspondente ao objecto directo do verbo:

*amar a patria
o amor da patria;*

*assassinar o rei;
o assassinato do rei;*

*ouvir uma opera
a audição de uma opera;*

Em todos estes casos e outros similares o substantivo regido da preposição *de* representa o ser amado, *assassinado, ouvido, etc.*

Comquanto a alguns desses substantivos se possa juntar com a mesma preposição ora o nome do agente, ora o do paciente, conforme pequenas alterações do sentido (assim a *reprovação de Pedro* tanto pode ser o facto de não approvar, como a reprovação soffrida por elle) cauintudo nunca será erro, nem mesmo impropriedade dizer: *audição de uma leitura, de uma musica, etc.*

Seria porem um erro grave, dizer, referindo-se ao assassinato que o sr. R. C. commete sobre as letras; *o assassinato do sr. R. C.*

Não nos incommodam absolutamente os esforços improprios que o sr. R. C. faz para ter espirito á nossa custa. Promettemos rir tambem quando elle o conseguir.

A seu respeito limitamo-nos por ora a praticar esta obra de misericordia--ensinar aos ignorantes.

J.

Imprensa Litteraria

Por absoluta falta de espaço, temos até hoje deixado de dar noticia e agradecer a grande quantidade de revistas que temos recebido de todos os pontos da União, e do estrangeiro o que fazemos agora pedindo desculpa aos collegas por essa involuntaria falta.

Começamos pela

«A SEMANA»

Os numeros 74, 75 76 e 77 que temos á vista estão como sempre—magnificos. Collaboram nelles Machado de Assis, Araripe Junior, Raul Pompeia, Valentim Magalhães, Max Fleiuss, João Ribeiro, José Vicente Sobrinho, Escragnolle Doria e outros litteratos de primeiro plano, o que equivale dizer que ha muito que ler e apreciar na bella revista fluminense. Seria injustiça de nossa parte deixarmos de externar a nossa admiração pelos primorosos terços de Machado de Assis—*Uma creatura*, e pelos bem lançados artigos de critica de Araripe Junior sobre D. Martin Garcia Moura.

Quanto á gentileza com que nos recebeu *A Semana*,—já externando conceitos por demais hesongeiros a nosso respeito e já transcrevendo algumas das nossas *Medalhas* e a traducção *Luar ao oceano*, de Antonio Salles,—só temos que lhe dizer "obrigado, collega."

«REVISTA BRAZILEIRA»

Os fasciculos 4, 5 e 6 desta brilhante publicação estão como os primeiros—irreprehensíveis. Quasi que é impossí-

vel destacar qual o melhor artigo scientifico ou qual a melhor producção litteraria da sympathica revista de José Virissimo. Comtudo podemos dizer que muito nos agradou *A Esthetica de Põe*, maguifico estudo critico de Araripe Junior e os *Estudios* de Linguistica de M. Said Ali.

«O CYSNE»

Assim se intitula um interessante jornalinho litterario que appareceu em Ouro Preto e do qual recebemos os primeiros numeros.

Bem impresso e bem escripto, os numeros que temos á vista trazem collaboração de Augusto de Lima, Padre Corrêa de Almeida, Bento Ernesto Junior e outros litteratos mineiros.

Agradecendo a visita a retribuiremos com a remessa do *O Pão*.

«A RENASCENÇA»

Da Bahia onde se publica sob a direcção dos Drs. Julio Barbuda, M. Brito e P. de Villar temos recebido esta bella revista litteraria e scientifica que vai dia a dia se tornando um optimo repositorio de boa e instructiva leitura. É pena que *A Renascença* não nos visite com mais pontualidade...

«O LIVRO»

Visitou-nos pela primeira vez esta sympathica publicação bahiana que bem attesta o grão de adiantamento intellectual da patria de Castro Alves. Os numeros que temos á vista trazem bons versos e optima prosa,

Retribuindo a gentileza da visita agradecemos penhorados as amáveis referencias que fez sobre o nosso apparecimento.

«REVISTA CONTEMPORANEA»

Esta excellente revista pernambucana publicada sob a criteriosa e incansavel direcção de França Pereira e gerencia de Marcellino Cleto, tem nos visitado com a maxima regularidade. Os ultimos numeros que temos sobre a banca de trabalho estão variados e interessantes.

Accusando a fiaeza da visita aproveitamos o ensejo para agradecermos a Alfredo de Castro e Paulo de Arruda, chronicistas da *Revista*, as amáveis referencias que nos dispensaram em suas primorosas chronicas.

«REVISTA MODERNA»

Tambem temos recebido do Recife a visita da *Revista Moderna* publicada bi-mensalmente. Offerço boa e variada leitura. Com regularidade lhe temos remettido *O Pão* em signal de nosso agradecimento.

«A VANGUARDA»

Ainda uma outra revista litteraria de Pernambuco temos que a accusar e recebimento: intitula-se *A Vanguarda* e é publicada sob a direcção do Sr. Manoel Araújo. É bem impressa e bem escripta contando no seu corpo de redacção e collaboração vigorosas e conhecidas das pennas.

Gratisimos pela remessa.

«REVISTA LITTERARIA»

De S. Paulo recebemos os 7 primeiros numeros de uma esplendida revista sob o titulo acima. Confiada à criteriosa direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima a sympathica *Revista Litteraria* que se publica semanalmente conta com a collaboração das melhores pennas paulistas como sejam Dr. Garcia Redondo, Julio Cezar da Silva, João Luzo, D. D. Zalina Rolim, Francisca Julia da Silva, Valdoniro da Silveira e outros muitos.

A João Max, apreciado chronista da *Revista*, agradecemos as lisongeiras referencias que fez a *Padaria* e a *O Pão* na sua espirituosa chronica do terceiro numero.

«CHRONICA ILLUSTRADA»

Pelo ultimo paquete do sul recebemos o primeiro numero desta espirituosa e saltitante revista caricata e humoristica que acabou de apparecer na Capital Federal em substituição ao *Brazil Illustrado*. Tanto o texto como os desenhos estão trasbordantes de humor, de espirito franco e sadio, o que muito enaltece a sympathica collegã.

«A LUVA»

Com este original e exquisito titulo appareceu em Santos, S. Paulo, um pequeno jornal litterario e humoristico do qual recebemos o numero 2.

Traz alguns artigos em prosa e verso dignos de leitura e é nitidamente impresso em optimo papel.

Agradecidos pela remessa.

«REVISTA PORTUGUEZA»

O notavel e festejado litterato portuguez Joaquim de Araujo, acaba de nos remetter de Lisboa os 3 primeiros fasciculos desta bella e importante publicação de que é digno director. A *Revista Portuguesa* é publicada mensalmente no Porto e tem como collaboradores os mais notaveis publicistas portuguezes, como o sejam—Th. Braga, João de Deus, Julio Brandão Gomes Leal, João Penha, Guerra Juqueiro, Queiroz Ribeiro e outros distinctes homens de letras. Publica alem disto primorosas paginas ineditas de Camillo Castello Branco Anthero de Quental.

No primeiro numero encontramos um vibrante e patriotico artigo de Valentim Magalhães sobre a nova phase politica do Brazil, que lemos com verdadeiro entusiasmo, assim como um bellissimo soneto de Guerra Junqueiro, intitulado *Mater* estampado no segundo numero, e um primoroso conto de João de Deus intitulado *Maria*, com que abre o terceiro fasciculo.

Difficil seria destacar o que ha de melhor na *Revista Portuguesa*, pois qualquer um dos 3 numeros que recebemos offerece escolhida e variada leitura tanto em prosa como em verso. Sentimos não despor de espaço sufficiente para fazermos algumas transcripções que podessem dar ao leitor uma idéa do que é a *Revista Portuguesa*.

Terminando esta ligeira rezenha que acabamos de fazer através das ultimas publicações litterarias que recebemos, só temos que agradecer, não só a Joaquim de Araujo, como a todos os collegas que tão gentilmente tem permutado com *O Pão*. Penhoradissimos, pois, nos confessamos pela fineza com que nos têm distinguido.

S. B.

CARTEIRA

TROVAS DO NORTE

Com um modesto mas scintillante e jovialissimo banquete festejou a *Padaria Espiritual*, no dia 2 do corrente, o apparecimento das *Trovas do Norte* de Antonio Salles.

Estiveram presentes o Dr. Justiniano de Serpa, pelo *Diario do Ceará*, Dr. Farias Britto, pela Academia Cearense, Padua Mamede, pelo Centro Litterario, e quasi todos os Padeiros residentes nesta capital.

Trocaram-se amistosas saudações, tornando-se notavel o brinde erguido por J. de Serpa à mãe do poeta.

A falta absoluta do espaço não nos permite dar mais det lhes sobre essa deliciosa festa a que presidiu a mais fina e suggestiva jovialidade.

Ao champagne foi distribuido o livro pelos convivas, sendo um volume baptisado com esse espumarento nectar da alegria.

Começou o banquete às 6 horas e terminou às 9 da noite.

PINHEIRO CHAGAS

Estão de luto as letras portuguezas com a morte do activissimo e glorioso escriptor Pinheiro Chagas.

É preciosa e avultada a bagagem litteraria de Pinheiro Chagas. De relance citaremos *A descoberta da India*, a *Historia de Portugal*, a *Morgadilha de Val-Flôr*, (traduzida em italiano, hespanhol, francez, allemão e sueco) e um sem numero de romances, contos, uovellas, poesias, peças de theatro, formando um numero de volumes superior a cem.

Dividia a sua extraordinaria actividade escrevendo chronicas, correspondencias, folhetins e artigos para numerosos jornaes e revistas, de Portugal, do Brazil e de diversos paizes da Europa.

Era membro do conselho do S. M. Fidelissima, ministro de Estado honorario, Secretario Geral da Academia Real de Sciencias de Lisboa, grã-cruz de varias ordens portuguezas e estrangeiras e professor de litteratura classica do Curso Superior de Letras.

Nasceu em Lisboa a 13 de Novembro de 1842 e falleceu a 8 de Abril do corrente anno.

Era um trabalhador infatigavel, uma alma grande e generosa, um patriota purissimo.

Que sirvam estas linhas de homenagem à memoria do inolvidavel morto.

«TRACEMA»

Recebemos o 1.º n.º dessa revista do Centro Litterario, que appareceu no dia 2 do corrente.

Agradecidos pela remessa.

THEOPHILO MOURA

Depois de alguns dias de demora nesta capital, e de volta de seu passeio ao Acaruhú onde foi visitar sua illustre familia, regressou à Capital Federal no penultimo paquete este nosso prezado confrade e amigo.

Theophilo Moura foi completa- os seus estudos na Faculdade de Medecina do Rio, na qual se acha matriculado no 3º anno. Que elle regresso em breve ao torrão natal munido de um passaporte que lhe dê entrada no templo da sciencia de Charcot.

ANTONIO MARTINS

De luto estão tambem as letras cearenses com o fallecimento deste distincto moço tão prematuramente roubado à sua terra e a sua familia.

Antonio Martins foi uma das figuras salientes da campanha abolicionista, que arrancou à sua lyra apaixonadas e formosas estrophes.

Redigiu o *Libertador* da 1.ª phase, com Marrocos, J. Cordeiro, A. Bezerra e outros.

Na 2.ª phase desta bella folha trabalhou assiduamente ao lado de João Lopes e Oliveira Paiva.

Ultimamente dedicara-se à politica, sendo eleito senador estadual e escrevendo para *O Norte*.

Era o desventurado moço inspirado poeta, delicado folhetinista e valente articulista.

O Pão envia à familia do finado a expressão da sua sincera condolencia.

CABRAL DE ALENCAR

Embarcou no dia 11 do corrente para a Bahia, onde vai continuar seus estudos este nosso talentoso consocio, um dos mais brilhantes talentos da moderna geração litteraria do Ceará.

Boa viagem e muitos louros desejamos ao auctor da *Mystica*.

COMPANHIA DRAMATICA

Vae numa ponta enorme a companhia dramatica da Sra. Apollonia Pinto.

Tem successivamente representado os dramas—*Filha unica*, *Doi-da de Montmayour*, *Morgadilha de Val-Flôr* e *Fé, Esperança e Caridade*, com exito estrondoso.

Muitas palmas têm conquistado todos os artistas, notadamente o Sr. Germano Alves, que é incontestavelmente a primeira figura da Companhia.